

Universidade Federal Fluminense – (UFF)
Instituto de Artes e Comunicação Social-(IACS)

Carolina Reis de Assis

**A imagem do Negro na
fotografia ; poéticas e
devires.**

Rio de Janeiro

2013

Carolina Reis de Assis

**A imagem do Negro na
fotografia ; poéticas e
devires.**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Produção Cultural para obtenção de
título de Bacharel da Universidade
Federal Fluminense.

Professor Orientador: Pierre Carpez

Rio de Janeiro

2013

Carolina Reis de Assis

A imagem do Negro na fotografia ; poéticas e devires.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como pré-requisito para
obtenção do título de Bacharel em
Produção Cultural, submetido à
aprovação da Banca Examinadora
composta pelos seguintes membros:

Prof.Orientador

Professor

Professor

Rio de Janeiro, _____ de março de 2013.

“Vitorioso não é aquele que vence os outros, mas o que vence a si mesmo, dominando seus vícios e superando seus defeitos” .(Krishna Murtis)

Sumário:

Introdução	1
Capítulo 1- O universo da fotografia e a relação do negro no Brasil	3
1.1- Um apanhado da fotografia no mundo.....	3
1.2- Fotografia e memória.....	6
1.3- A cena fotográfica como processo de transformação.....	11
1.4- A linguagem fotográfica no espaço real e artístico.....	12
Capítulo 2- Complexidade do universo fotográfico das imagens dos afro-brasileiros.	
2.1- Fotografia estética e cultura do negro no Brasil e seus enfrentamentos sociais.....	18
2.2- As imagens da religião afro no Brasil.....	25
Capítulo 3- O negro na fotografia Brasileira:	
3.1- Walter Firmo (O espelho da fotografia brasileira).....	33
3.2 –Bife - Emilson (Professor negro e fotógrafo Brasileiro).....	45
Capítulo 4 — Um ensaio da fotografia sobre a minha visão da negritude:	
4.1- Arte e valor da estética do negro através da fotografia:.....	59
4.2 – Fotografias e dilemas da representação religiosa do negro no Brasil.....	64
4.3 - A mulher negra na fotografia.....	71
Conclusão	82
Bibliografia	85

Introdução:

A fotografia brasileira identificou o homem brasileiro, valorizando-o e dando incentivo para crescer como ser humano, sendo uma das ferramentas de grande importância para a construção da identidade e do valor que tem o negro no Brasil. Esse trabalho tem o objetivo de evidenciar a valorização da cultura negra através das artes, partindo de um estudo da fotografia no Brasil e as imagens do negro na era contemporânea como evolução de suas representações na cultura brasileira. O trabalho contém um recorte da produção contemporânea da fotografia e de suas imagens do negro na sociedade.

A escolha do período da década de 70 em diante é importante por recorrer a um período que abrange no Brasil um momento de expansão da fotografia.

No final do século XX , a fotografia no Brasil começa a se expandir tornando um corpo importante do saber sobre a história da arte e a sua expressividade brasileira, teve como principal função documentar a realidade , retratando o caráter de compromisso social e experimental.

O negro carrega em si uma cultura que necessita ser valorizada devido ao processo de exclusão que sofreu com anos de escravidão. Nós brasileiros carregamos as raízes africanas nos nossos hábitos culturais e temos que reconhecer a importância que a imagem da identidade cultural tem para os africanos no Brasil.

Os artistas e fotógrafos afro-brasileiros ao se identificaram com a arte africana trazendo para o olhar dos espectadores um pouco da memória de um povo que vivenciou um profundo esquecimento de sua identidade. Hoje, nós afrodescendentes vivemos um momento importante de reconhecimento e valorização da cultura negra em todos os seus aspectos.

A obra de Walter Firmo constitui uma herança para a cultura negra já que trabalha com a valorização dessa ferramenta e da cultura , pois em seu trabalho ele exemplifica essa técnica a um olhar que transforma a realidade social e a identidade do negro no Brasil.

Pretendo demonstrar as faces de uma visão da imagem da escravidão através de exposições como um recorte do que era até a realidade atual que aos poucos foi se libertando e ganhando espaços em diversos segmentos,

principalmente na arte aonde a maioria da contribuição vem das próprias imagens e formas de manifestações que hoje estamos consumindo. O homem produz a vida social criando conjuntos de atividades para um meio de vida. A produção e reprodução social não são apenas trabalhos assalariados e sim relações sociais, culturais, políticas, educacionais, e de direitos. Refleti a realidade das características e aspectos de imagens humanas que perpassa anos através dos antepassados e com o advento da era contemporânea têm-se como auxílio, as técnicas, os direitos humanos e os movimentos humanistas.

O negro perpassa anos de lutas na história do Brasil e as conquistas são anos de guerras e revolta de um povo que não tem culpa de ser visto como escravo há algum tempo na sociedade brasileira. É uma luta que é de extrema importância para a formação da sociedade brasileira por se tratar de um movimento que vem lutando por direitos a dignidade como trabalho, inserção na sociedade e reconhecimento de que foram esses negros e seus descendentes que construíram a economia do Brasil e não tiveram direito a nenhum acesso que ficou vinculado aos grandes fazendeiros e poderosos da sociedade. Um movimento que estuda a sua própria história para poder reparar e exigir o que é de direito de seus antepassados. E o meu fascínio é pela imagem e a prática dessa técnica na nossa sociedade tornando apta a abordar essa temática que abraço com satisfação. E eu como pesquisadora negra carrego em mim o resgate da construção da negritude como promessa de um mundo outro, para além dos códigos eurocêntricos excludentes, fazendo com que essa pesquisa através da fotografia mostre a produção cultural negra no Brasil e os seus avanços. Venho com essa pesquisa Iconográfica despertar uma reflexão dos olhares através das lentes como um instrumento de percepção e valorização estética. Os valores que são conduzidos na sociedade partindo do africano que veio escravizado, tendo as suas distinções, aura e ascendência proibida e deflagrada. Nesse sentido pretendo transformar através das imagens e relatos um redescobrir de afeições que pertence ao nosso cotidiano, utilizando a máquina fotográfica como uma ferramenta que modificou, modifica e sempre permanecerá modificando o universo.

O estudo escolhido é de natureza em observação dos espaços de transformação da produção do negro no Brasil, análises de fotografias e

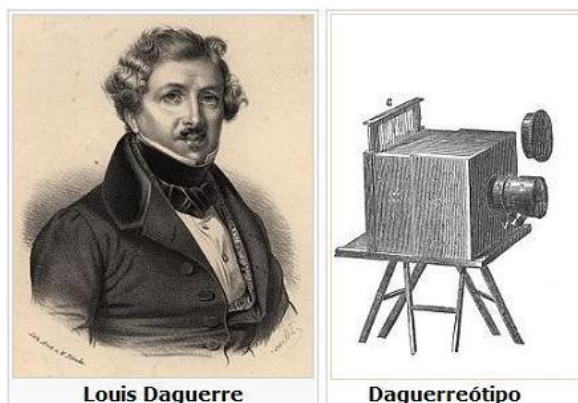
entrevistas com fotógrafos como acoplado nos capítulos, valorizando os aspectos do negro, ficando na construção da identidade do ser brasileiro a fotografia, pois ela alcançou a imagem de todos os tipos pelo fato de ser um aparelho de uma tecnologia avançada diferenciando da pintura tendo mais visibilidade no mercado das imagens e na valorização da cultura negra. Esse trabalho abrange um significado não apenas em retratar o gênero do retrato, e analisar as interpretações da fotografia, mas fundamentalmente compreender as imagens humanas e objetos condutores para a construção de uma revolução estética da arte em pensamento de valores e concepções.

Capítulo 1: O UNIVERSO DA FOTOGRAFIA E A RELAÇÃO DO NEGRO NO BRASIL.

1.1 Um apanhado da fotografia no mundo:

A palavra fotografia significa desenhar ou escrever com luz. A fotografia têm um valor e alcance muito amplo, principalmente no que diz respeito ao conhecimento do passado. Nesse sentido, ela pode ser empregada em pesquisas que exerçam a interpretação do encontro fotográfico no tempo e espaço histórico. A investigação que se dá às pesquisas utilizando a ferramenta fotográfica sintetiza e capta o presente com precisão, de forma que revela os acontecimentos.. A pintura era a técnica usada para exercer diversas funções anteriores à maquina fotográfica, mas é claro que sem substituir a pintura a fotografia abrolha com a Revolução Industrial havendo um pensamento que revolucionou os fazeres e transformações com essa técnica, que surgiu com o alargamento das ciências em diversas arenas. A fotografia é uma das descobertas e inovações de informações e conhecimentos nas ciências e formas de expressões artísticas. *“A fotografia é uma representação plástica-forma de expressão visual resultante dos processos de evolução tecnológica”.* (KOSSOY,1989 p.26)

A principal figura de reprodução tipo fotográfica que reconhecemos é a Daguerreotipia, consistindo uma peça única sobre base de cobre banhada em uma placa de prata com a superfície polida sensibilizada quimicamente onde fixa-se a imagem expondo-a sobre uma forte luz. Essa invenção foi criada no ano de 1826 por Daguerre e Niépce figura-se em um espelho que memoriza a imagem pequena de superfície extremamente refletora.





Esse tipo de aparelho que retratou a imagem no início da sua descoberta era bem diferente do que popularmente utilizamos hoje que é a câmera fotográfica. E o inglês Wilian Henry Fox foi um inventor do negativo que possibilitou a multiplicação de uma mesma imagem inovando o conceito de congelamentos de imagens tornando-se o pai do processo da fotografia .

Há 180 anos a fotografia vêm ganhando espaços e revelando universos de linguagens e representações visuais tornando-se um produto de alta valia e circulação. Naquela época os pintores se sentiram ameaçados com a aparição da fotografia e se recusaram a aceitar a fotografia como arte e ela não teve nenhum reconhecimento de “status de arte”. Afirmando Delacroix que a foto é uma parte recortada de um todo dizendo assim: O fotógrafo “tira” e a pintura compõe. Em 1840 o francês chamado Louis Compte traz para o Brasil esse conhecimento e trabalhando para a burguesia, que buscava “status” , querendo se igualar com a nobreza. As suas imagens eram retratadas que nem a pintura fazia com os nobres.

A partir de 1860, foram documentadas pelas câmeras as expressões culturais dos povos externados, as caravanas científicas, paisagens rurais e urbanas, conflitos de diversas formas e valores sociais. Desempenhando uma aproximação do ser humano com os fatos reais, produzindo a visão mais nítida dos povos .

“ O mundo tornou-se de certa forma “familiar” após o advento da fotografia; o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica’. (KOSSOY,op cit, p. 15).

Na segunda metade do século XIX as artes fotográficas assistem a um período de rápidas e profundas transformações possibilitando diversas cópias ilimitadas com a redução de seu custo, pelas imagens obtidas através de negativos, tornando acessível a um número maior de pessoas, mas mesmo assim o acesso a esse instrumento estava limitado a quem obtinha o maior poder aquisitivo.

Christiano de Freitas Henriques Júnior(1832-1902), que já tinha um estúdio fotográfico, publica então uma coleção de fotografias de negros. Victor Frond, Auguste Stahl, João Goston, Revert Henrique Klumb também fotografaram negros. Mas é de Christiano Júnior a maior coleção de fotografias de escravos anteriores ao ano de 1870. Ele trazia os escravos para o seu estúdio retratando- os com fundos de bosques europeus, valorizando esses negros que eram a maior parte da população do Rio de Janeiro. Havia em sua coleção de fotos os negros escravos, libertos e mestiços. Os escravos não tinham condições e nem eram clientes do estúdio de Christiano, mas o que o chamava a atenção era a expressividade exótica .

Segundo Muniz Sodré na coletânea de fotografias de Cristiano Jr:“Ninguém penetra o sentido de uma fotografia sem arriscar-se ao confronto entre o real guardado pela imagem e o real do leitor-intérprete.” (p. xvii).





A representação de pessoas negras não era exercida nesse período. Não podiam fazer o uso dessa técnica tanto pelo fato que a maioria dos afro-descendentes não tinha poder aquisitivo tanto pela suposta “aculturação”. Na década de 1860 o retrato fotográfico se torna uma espécie de objeto de desejo das pessoas das diversas raças e classes sociais, já que poderia mostrar status, honra e distinção e satisfazer seu desejo de ser eternizado, “a população brasileira durante quatro quintos de sua história era composta de dois terços ou mais de africanos e seus descendentes segundo a estimativa, ainda hoje é majoritariamente negra”. (NASCIMENTO,2008,p.38)

Uma das coisas que se modificou com esse advento foi à relação e construção através da fotografia; o conhecer a si, permitindo pela documentação o autoconhecimento e a construção da memória visual. Memória visual de cenários passados, documentos, informação e crítica, de suma importância para o conhecimento das culturas. As imagens dos negros que habitavam na época em que eram submissas as ordens dos senhores ditos donos dessa terra mostravam a hierarquia racial da subalternidade que era exercida no século XIX.

Antigamente a fotografia era algo raro, havia poucos fotógrafos e máquinas no mercado e para adquirir um aparelho era muito difícil. Com o passar dos anos e a evolução tecnológica que revolucionou os aparelhos, a técnica fotográfica acabou ampliando o olhar para as camadas sociais menos desfavorecidas. E nesse sentido como descrever uma fotografia que representa uma cultura excluída no Brasil e dá um sentido de valor se eles tem em suas características os sofrimento de 400 anos. Logo percebe-se o auto-retrato que é um acionamento da própria fotografia, nesse sentido e trabalho, esse auto retrato causa uma grande tensão entre esses dois universos, o da fotografia e o real de se ver a imagem que registra diferentes mundos e acorda para nós olharmos e perceber os sentidos e sentir o que a imagem quer acordar e recordar.

As fotos dos negros compunham uma variante lucrativa do então florescente mercado de retratos. Os tópicos despertavam imensa curiosidade, por sua gente, fauna, flora e costumes. Mas com a popularização da fotografia, esse filão explodiu, criando-se um rentável comércio de “souvenires”. Na Europa de então, poucos eram os que já haviam visto uma pessoa negra. Havia enorme curiosidade sobre como eram esses tipos “exóticos”. O exotismo não constituía o único atrativo. Era vívido na Europa o debate pretensamente científico em torno de teorias raciais. Segundo as teses em voga na ocasião haveria uma hierarquia evolutiva entre as raças. São vários os exemplos de fotos feitas para os estudos da antropometria, técnica de medição do corpo, que embasava diversos trabalhos que propalavam a superioridade da raça branca.

1.2- Fotografia e memória

A memória fotográfica retrata fatos do passado, pessoas e imagens que muitas das vezes não existem mais;

“ Quaisquer que sejam os conteúdos das imagens devemos considerá-las sempre como fontes históricas de abrangência multidisciplinar. Fontes de informações decisivas para o seu respectivo emprego nas diferentes vertentes de investigação histórica, além, obviamente da própria história da fotografia. As imagens fotográficas, entretanto, não se esgotam em si mesmas, pelo contrário, elas são apenas o ponto de partida, a pista para tentarmos desvendar o passado. Elas nos mostram um fragmento selecionado da

aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram(estética/ideologicamente)congelados num dado momento de sua existência/ocorrência” . (KOSSOY,2009 p..21)

A necessidade que temos de preservarmos as imagens que guardamos como memória do passado é algo significativo para a cultura, prolongando o contato, a lembrança, proximidade, o desejo de que o vínculo com essa retratação permita o prolongamento da vida, pois as imagens se tornam eternas mostrando que nascendo da morte ela consegue representar a transferência da alma. Recuperando a carga mítica da origem, como aborda Walter Benjamin: “ A técnica mais precisa pode dar aos seus produtos um valor mágico que uma imagem pintada” .

E nesse sentido percebemos o quanto que é importante para esse valor que têm a foto de poder guardar e reproduzir quantas vezes quisermos exemplificar e mostrar reconhecer e se conhecer.

Segundo BARTHES(2009,P.87) ao afirmar o referente levando o universo iconográfico a essência da imagem definida e precisa emana essa referencia do real da presença do passado cumprindo a origem fotográfica.Ele comenta que:

“A fotografia é literalmente uma emanção do referente de um corpo real, que estava lá naquela época, ter alguma radiação que sai para me impressionar com raios diferidos de uma estrela”. Uma espécie de links do cordão umbilical do corpo da coisa fotografada ao meu olhar: a luz, embora impalpável, é aqui carne meia, uma pele que se compartilha com ele ou ela que se foi fotografada.(BARTHES,2009,P.87)

A foto e memória dialogam com um dos instrumentos que recuperam o passado para se ter noção ou lembrança dos cenários humanos e mundanos.

A fotografia exemplifica, suas facilidades, potencialidades e fragilidades, ficaram suscetíveis ao esquecimento iconográfico de nossa própria memória, valor e o uso da fotografia contém grandes instrumentos portadores de memórias:memória própria, memória a ser elucidada, interpretada,e rememorada.

Os avanços tecnológicos permitem mudanças e enfrentamentos sobre as imagens representadas pelo seres humanos e se tratando do negro no Brasil ela refigura a formação do pensamento da sociedade em só evidenciar

as características européias. Muitas das imagens do passado das famílias negras refletem características de sofrimento ou timidez pela forma de se ver o mundo segundo a imposição de uma cultura que dominou e abafou a outra o que de fato negros vindo da África para servir no sistema de escravidão colonialista que foi o Brasil de 1500 há 1888 . Nesse sentindo no inicio do século XX há muitos registros de imagens de famílias negras com o término da escravidão e a evolução da câmera que se popularizou

“Desde os anos trinta e quarenta, com a “democratização” do registro fotográfico mediante ao surgimento de máquinas fotográficas de operação muito simples e relativamente baratas, que permitiram a fixação rápida e fácil dos instantâneos, a vida dos grupos sociais e dos indivíduos passou a ser registrada muito mais pela imagem do que pelos livros de memórias, cartas, ou diários, e a memória individual e familiar passou a ser construída tendo por base o suporte imagético. Não temos muita consciência de tal fato, mas, como a replicante de Blade Runner estamos constantemente nos valendo de imagens instantâneas da nossa vida registradas em papel fotográfico, para detonar o processo de lembrar e , assim, construir a nossa versão sobre os acontecimentos já vivenciados. Dessa forma é o suporte imagético que na maioria das vezes, vem orientando a reconstrução e veiculação da nossa memória, seja como indivíduos, seja como participantes de diferentes grupos sociais ”. (SAMAIN,2005,p.54)

A imagem é uma rica fonte de informação para reconstituição do passado. Tanto quanto uma matéria para a construção de ficções que podem salientar o futuro. Sucessões de imaginários em cima da materialização fotográfica.

Em algumas das imagens de Christiano Jr (1832-1902),podem ser encontradas anotações que identificam a nação africana do retratado, demonstrando por parte dele uma grande preocupação em evidenciar a diversidade dessa população.Segundo a Enciclopédia Itaú Cultural,Christiano Junior, traz os escravos para dentro do estúdio, por vezes retratando-os diante de fundos pintados com paisagens de bosques europeus.

Os registros mostram, sobretudo, carregadores e os chamados “negros de ganho”, homens e mulheres que trabalham como vendedores nas ruas do Rio de Janeiro e cujo lucro, no fim do dia, é entregue aos proprietários.

No século XIX, a ciência positivista considera tudo o que podia ser visualizado numa fotografia como algo necessariamente verdadeiro.

As imagens denotam a ideia de escravos disciplinados e submissos; mostram o cativo pacificado, não remetendo às fugas, nem tampouco aos conflitos criados pelo forte movimento abolicionista da época.

Suas imagens são importantes fontes de estudo para pesquisas nas áreas de história, antropologia e sociologia, que tratam das relações sociais no Brasil oitocentista e também servem como auxílio na reconstituição da vida cotidiana nas ruas do Rio de Janeiro no século XIX.





Minha família –foto de 1935. Rua Oliveira Mello Bairro: Cordovil- RJ. A criança mais alta era a minha avó Nésia e seus irmãos Adalberto, Aracy e Alcindo. No meio era a sua avó Rita Maria, ao lado direito o seu pai Genaro e ao lado esquerdo a sua mãe Celeste. Momento no qual ela revelava que o pai juntou todas as suas economias, pois queria ter um registro da sua família e na época era caro. O fotógrafo costumava passar nas ruas. Só conseguia tirar foto quem tinha um poder aquisitivo econômico elevado. Nas suas lembranças minha avó comentava que seu pai guardava todas as suas economias para realizar esse sonho, ver retratada sua família.Minha avó esperou ansiosa por vários meses.No dia da foto todos tomaram banho e colocaram a sua melhor roupa,inclusive passando uma água de cheiro.O fotógrafo chegou e tirou a foto.



Fotos de 1926-Bisavó Paulina e seus três filhos: Juraci, Edmundo e Benjamim Reis, o caçula , era o meu avô. Essa foto é da família do meu avô materno. Essa imagem dessa mulher negra que foi filha de uma negra escravizada e nasceu já livre no final século XIX. Ela teve esses três filhos com um português que morava no Brasil desde os 20 anos de idade e aparecia de vez em quando. E numa dessas aparições ele trouxe um fotógrafo e fez essa imagem da sua amante e os seus três filhos.

1.3- A cena fotográfica como processo de transformação

O que a experiência estética em determinadas atividades favorecem na transformação do conhecimento. Qual é a relação dela com o aprendizado? Ela complementa e se insere no comportamento do indivíduo muda percepção e subjetividade. As novas práticas e sensibilidades de expressões, geram um processo de transformação, transformaram a imagem do negro. Estéticas teorias e formas, processo de formação e transformação. O que possibilita a fotografia como experiência estética. Como ela é utilizada para educar e transformar o ser. A imagem com a tecnologia permite transformar a realidade, transfigurando a própria imagem fotografada; imagem enquanto objeto estético transfigural. Já na época contemporânea, ela atingiu um patamar de uma técnica artística.

Na visão de ROUILLÉ(2011,p.13)”*a fotografia cria o real e a sua legitimidade cultural e artística é bem recente e nessa nova era ela é reconhecida com méritos estéticos.*”

Na virada do analógico ao digital a fotografia se expande e toma parte e reconhecimento no campo das artes contemporâneas invadindo a cena cultural entrando nos espaços culturais se tornando uns dos bens de grande valia artística. Um consumo cultural de massa que se afluou em construção de festivais, revistas, galerias. Publicando-se obras, abrindo escolas especializadas nessa técnica incluindo pesquisas abrigando em sua evolução coleções privadas e públicas. O reconhecimento cultural da fotografia é algo recente tão recente mais ao mesmo tempo aceito por muitos em vários modos temas e assuntos. Pelo fato de a fotografia ser algo que se tem em um tempo mais rápido que outras linguagens por ser um aparelho revelador e com a evolução desse aparelho temos ela instantânea e isso faz com que ela ganhe os espaços culturais rapidamente por alcançar diversos mundos em uma velocidade gigantesca sendo valorizada e valorizando culturas e povos.

“*A fotografia é o objeto do livro, seja em sua pluralidade, suas transformações, do documento à arte contemporânea, seja em sua historicidade, desde seu aparecimento, na metade do século XIX, até à fusão arte-fotografia da atualidade.*” (ROUILLÉ,2011,p. 17).

A fotografia se divide em dois mundos o da fotografia e o da arte. A arte fotográfica tem um caráter de espaço de liberdade. O fotógrafo artístico evolui

conforme o campo da fotografia e o artista situa-se no mesmo nível da arte. Pertencendo ao mesmo elo, mas não se embaralhando. O campo da arte fotográfica é abalizado por linhas possantes acentuando-as para fora do domínio das artes transformando os paradigmas construindo visões reais ou irreais de valores e concepções mundanas.

Fotografia e expressão, uma passagem de documental para o real valor artístico.

Por que Baudelaire não conseguiu assimilar a fotografia como arte achando que esta pudesse invadir e dominar o campo pictórico e fazer com que desvalorize as suas pinturas.

“ Com a difusão da fotografia muitos serviços sociais, passam do pintor para o fotógrafo (retratos vistos de cidades e de campos, reportagens, ilustrações etc.) A crise desloca a pintura como arte para o nível de uma atividade de elite. Se a obra de arte se torna um produto excepcional, há de interessar apenas a um público restrito, e ter um alcance social limitado; além disso, a produção de alta qualidade na arte também deixa de ter função, caso não sirva de guia a uma produção média. Não mais se qualifica como um bem de consumo normal, e sim como arte malograda; tende, portanto, a desaparecer.”(Livro: Arte Moderna Pagina 78).

Baudelaire sustenta que a arte é a atividade espiritual que não pode ser substituída por um meio mecânico(corrente simbolista) E nessa afirmação ele constrói o pensamento de um visionário desvalorizando as técnicas, mas é claro que a foto é mecânica e realmente não pode substituir a pintura mas ela pertence a uma técnica artística então ela é arte..

1.4- A linguagem fotográfica no espaço real e artístico.

O registro fotográfico têm tudo haver com a realidade do fotógrafo por que o mesmo imprima a sua ideologia. Quando o fotografo tira uma foto ele busca algo que o identifica fazendo as suas vontades visuais , congelando aquilo que para ele exemplifica as suas concepções. A fotografia tem uma realidade própria que não corresponde a realidade em si e por isso não pode ser vista como a fonte primordial dos fatos,, mas analisando “aquela foto” podemos enxergar o que a envolve o fato fotografado ,acolhendo o espaço e tempo do ato do assentamento, ficando a refletir sobre o olhar , a intenção primeira do fotógrafo, elucidando os sentimentos que afloram na mente por

onde ele passa. Havendo com isso um grau de pertencimento dos significados para cada tipo e situação e que sempre irá conter a mesma expressão do fotografo mesmo com o passar dos anos. *“A fotografia é a reação imediata, como não tem essa necessidade de correr atrás de fazer arte, o fotografo acaba sendo os mais puros trabalhadores da memória visual de um país”.* (CARVALHO, pag. 90).

O artista fotógrafo transcende a realidade não precisando correr atrás de fazer arte, mas descobrir a arte nos aspectos das seleções visuais do seu encontro com o mundo.

O método de criação do fotógrafo engloba a ousadia estética, seu ponto de visto cultural e sua capacidade de usar os recursos técnicos e ópticos, e a ordem imaterial da complexidade mentais e culturais da concepção e construção desse processo das diferentes naturezas mostrada pelo fotógrafo. Implicando nesse processo o assunto, os equipamentos que são a captação de registro, a organização visual dos elementos alcançando as condições de iluminação, a seleção do preciso instante que é o momento, e a seleção do material e produto que serão utilizados para a possibilidade de produzir um fragmento de um recorte espacial. Dando a materialização do espaço e o tempo a elaboração final.

A invenção da fotografia possibilitou a valorização estética dos retratos do realismo físico corporal e da natureza das coisas. Fazendo dessas imagens a “ representação do real”. A fotografia torna-se visível ao universo do preconceito velado pela cultura hegemônica. A matéria fotográfica do corpo é um arquivo de uma história que mostra as características e feições do todo corpo nesta época

Análise da realidade fotográfica:

–“ Revolução documental” alargamento do conceito documento, investigações sociológicas que refletem os limites e alcance das cacimbas fotográficas congeladas em imagens dado a um tempo real em determinado lugar e época .

“ A foto de um corpo é ao mesmo tempo fundamentalmente diferente da de uma paisagem e ao mesmo tempo profundamente semelhante. Essa diferença decorre por que o outro corpo compromete o corpo do fotógrafo e sua relação com a máquina fotográfica. Fazendo dessa relação uma transformação

da imagem e semelhança pois a foto de uma paisagem é um corpo ao corpo com a mesma retratação de um corpo apanhando de forma igual ao que se apanha de um corpo por conter a mesma técnica de registro “.(SOULAGES, 2010,p.119).

Antes de ser artista, é fotógrafo e daí quando ele passa a expor as suas fotos se torna artista. O que na maioria das vezes o fotógrafo começa com diversas funções na sociedade seja ela de registro documental, foto jornalística, de eventos e festas etc... E por assim a maioria entra dentro do caminho artístico se tornando bem conhecido podendo exemplificar e criar em cima das suas visões que vão além da realidade e exibem os aspectos artísticos

Uma foto contempla a intensidade da sua Ideologia e imagem podendo induzir a uma manipulação do pensamento e acoplamento das ideias através dos avanços tecnológicos.Peculiaridades estéticas acerca da fotografia: Busca por informações espessas para a captação de seu artefato de estudo como alicerces da expressão fotográfica em um fragmento da memória ocorrida. “Assim como as demais fontes de informações históricas, as fotografias não podem ser aceitas imediatamente como espelhos fiéis dos fatos “.(KOSSOY,2009 p..22).

Afirmação da fotografia como arte:

Desde meados do século XIX a fotografia vem lutando para encontrar a sua identidade na área artística evidenciando a arte que é a própria vida. E com isso a visão fotográfica propicia os princípios estéticos das correntes artísticas dessa época que seriam o expressionismo, abstração e fantasia.

E quando Louis Lumière, em 1907 introduz na fotografia as cores ele cria uma visão mais próxima da abordagem com a arte e nesse sentido ele trabalha com as imagens em movimento que é o cinema, consequência da cronofotografia. Na época moderna Janson, analisa as técnicas artísticas de Cartier-Bresson, concluindo que:

“o “momento decisivo”,significa o reconhecimento instantâneo e a organização visual de um evento quando a ação e a emoção atingem o seu momento de máxima intensidade, com o objetivo de revelar o seu significado interior, e não apenas registrar a sua ocorrência. Sua obra caracteriza-se por um interesse pela composição como uma finalidade em si mesma, derivado da

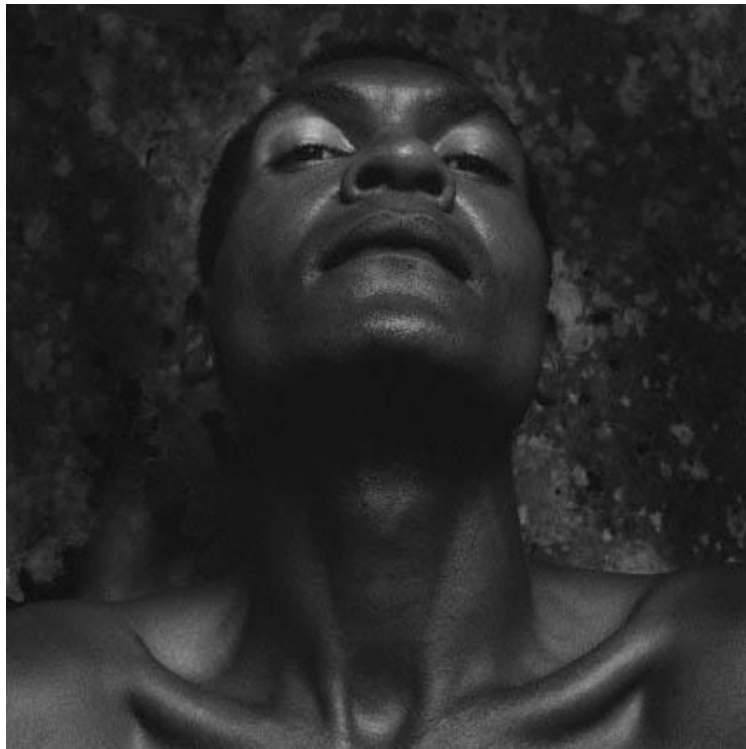
moderna arte abstrata. Compreende em suas obras a utilização dos espaços como um elemento gerador de relações sugestivas e surpreendentes, fascinado pelo movimento dadaísta e futurista, ele é um surrealista”.(JANSON,1996,P.434)

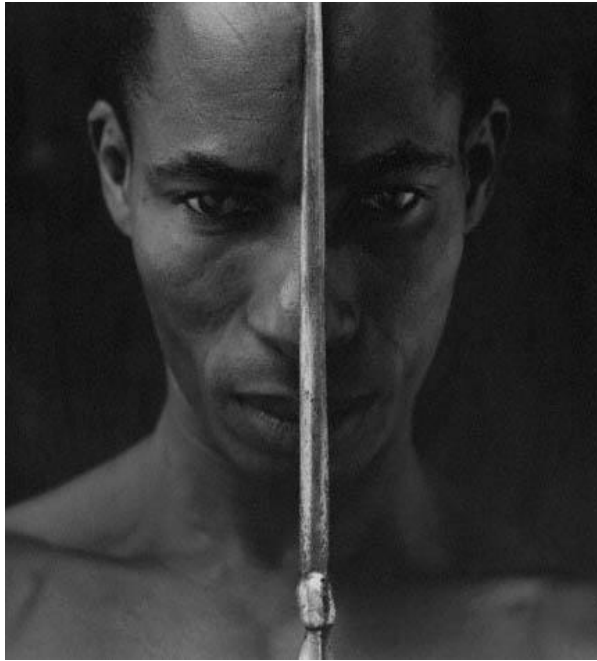
Na época contemporânea a fotografia se torna uma coisa passageira e descartável, pois a utilização da máquina fotográfica digital vem revolucionando recursos de diferentes pesquisas fazendo um congelamento e seleção ampliando os olhares artísticos viabilizando modificações, diferente da pintura mas não há nenhuma quebra de valores e concorrência nas artes visuais. Se relaciona com o que a obra fotográfica representa e quer passar atingindo o sentido de valor de arte e o que eu aprendo com as representações vinculadas aos ideais que determinada ação do fotógrafo quer a concretização dessa imagem no aspecto visual da indeterminação da hegemonia cultural o que propõe esses fotógrafos . A valorização dessas imagens contempla diversos segmentos da relação da influência da imagem e o negro através da fotografia na época contemporânea.

“ A matéria fotográfica do corpo é um arquivo de uma história que mostra as características e feições do todo corpo nesse momento nesta época . Marca do corpo que trata essa ferramenta. Tudo está aqui o desejo: o desejo eternidade, o desejo de compreensão, o desejo de observação do efêmero que passa; o corpo vivo o corpo em movimento, o corpo, em agonia de morte; a mãe transfigurada por esse corpo relativo, esse corpo em relação: o corpo de sonho.(SOULAGES *op cit* p.120).



Mario Cravo Neto - é um fotógrafo maravilhoso faz do negro o objeto estético virando a imagem esse próprio objeto. Imagens que simbolizam formatos de expressões artísticas elucidando ao olhar da própria imagem que quer distorcer o real quebrando diversos paradigmas tanto esteticamente quanto ideológico





Eduardo com punhal(1993)



Tinho(cabeça)-1990

O objeto fotográfico ele é transcendental, por retratar os fenômenos visuais estéticos do imaginário.

Com o fim da ideologia escravista e sua moral, a degradação que essa ideologia dos segmentos fez a cultura e aos povos reforça a desigualdade social que sofremos com a escravidão que aconteceu no Brasil principalmente por termos as nossas ideias interrompidas por não podermos nos comunicarmos assim quebrando a sua moral oprimindo a população negra . Acontecendo de fato a quebra com os valores étnicos raciais. E a retomada desses valores é a maior força que nós abarcamos como a consciência humana de que somos iguais e das características negras que independente de qualquer forma estética está às ações das pessoas não na forma física.



“Tudo está aqui o desejo: o desejo de eternidade, o desejo de compreensão, o desejo de observação do efêmero que passa; o corpo vivo, o corpo em movimento, o corpo, em agonia de morte; a mãe que abandona vocês mesmo que, ridiculamente, vocês gritem e se movimente: então vocês fotografam ou olham a foto; então o artista, apesar de tudo e apesar do nome e do “não” trabalha em silêncio com simplicidade de maneira quase rude: fotografar como um animal não intelectual. A matéria finalmente é encontrada: matéria imaginária, matéria de memória, matéria do inconsciente; matéria metamorfoseada pelo ato fotográfico, matéria transfigurada por esse corpo relativo, esse corpo em relação: o corpo de sonho”.(SOULAGES,op cit p. 119 e 120)

CAPÍTULO 2- COMPLEXIDADE DO UNIVERSO FOTOGRÁFICO DAS IMAGENS DOS AFRO-BRASILEIROS:

2.1-Fotografia estética e cultura do negro no Brasil e seus enfrentamentos sociais.

No Brasil enfatiza-se o multiracialismo sendo a mistura de raças o emblema da cultura nacional, mas mesmo tendo essa tendência miscigenada, existem poucas evidências desse estereótipo no que se refere as imagens e sua aceitação em seu próprio território. Que se aflora nas camadas sociais mais precárias também essa mistura se dá ao fato de as mulheres que eram forçadas a transarem com os filhos dos donos ou capatazes engravidasse e acontecia essa fusão da raça negra e do branco ficando as características da miscelânea.

O movimento negro no Brasil teve um papel fundamental para a valorização da imagem e a viabilidade da autoafirmação do negro no mercado das artes. Diversos fotógrafos negros que buscavam espaços para se produzir conseguiram através de muita movimentação e politização da cultura negra elegendo e construindo núcleos voltados para exemplificar as suas raízes. Um exemplo disso é o curador Emanuel Araújo que reuniu diversas obras de imagens negras ou produzidas por negros e fez várias exposições com o

Estáquio Neves, Walter Firmo e outros artistas. Acontecendo de fato uma valorização e quebra com os paradigmas sociais e artísticos que perpassou ao olhar da Burguesia artística ampliando a valorização das imagens dos afrodescendentes.

“ Transculturando signos das civilizações africanas para o Brasil, concorda-se na ação do afro negro determinando a civilização brasileira ... realçando a importância das matrizes africanas e suas doações ao patrimônio cultural e artístico brasileiro...As marcas étnicas do africano são evidentes, os legados têm por processos aculturativos, deculturativos, uma elaboração adaptativa do homem afro-brasileiro numa crescente ocupação dos seus espaços na vida brasileira.” (LODY,Raul,op cit p.19)



Foto do Curador Museólogo Emanuel Araújo-Diretor do Museu Afro Brasil-Fotos de Carolina Reis- Julho de 2011.

Valorizar a sua própria etnia e expor a imagem que memoriza as características de diversas demandas que esse povo enfrenta aqui no Brasil , desconstrói a hegemonia cultural do padrão das belas artes. E aos poucos com bastantes dificuldades vem conscientizando a sociedade a se enxergar e

enxergar a imagem do povo brasileiro miscigenado. O estético padrão começa a aceitar e valorizar o que via como feio, aos olhos do pensamento escravista europeu o Feio se tornando Belo, e assim criou uma identidade negra no Brasil uma autoafirmação que por anos ficou calada e não pode sorrir ou sair em uma capa de revista sendo valorizado o que se criou com a introdução da política e inserção na sociedade da igualdade racial foi à conquista da imagem do negro não sair em capas de jornais atrelado a assaltos, mortes e tiroteios . O negro é fotógrafo artista e não bandido havendo bastantes prestígios e méritos para a articulação e o pensamento social.

“.. A contribuição do negro na cultura brasileira durante os séculos XVII, XVIII e XIX, esteve ligada a padrões eurocêntricos. Existiram certos artistas ou certas manifestações artísticas muito características de afro-brasileiros, porém esses objetos são anônimos, saem, por assim dizer, de uma consciência coletiva, de um inconsciente coletivo. Existiram escultores populares, mas na erudição, isso só veio a tona no século XX, quando aparecem alguns artistas com uma intenção mais explícita de criar um tipo de arte cuja linguagem e dogma não estivessem mais ligados a essa arte eurocêntrica e, sim a uma arte africana, seja na inspiração, ou através de uma ligação ancestral... No Brasil, a penetração e expansão da cultura africana, seja através da religiosidade, seja pelo que paira no inconsciente coletivo, seja pelos laços de ancestralidade, gesta e desenvolve novas formas e novas maneiras de aprender e expressar um universo de extraordinária riqueza e vitalidade. (ARAÚJO, 1988 p.7)

Para a estilística da arte e representação do ser Brasileiro na realidade cultural, há um modo de ser, um sistema de pensamento com noções próprias de força vital, tempo mítico, oralidade, antropomorfismo que justifica a criação de uma estética particular afrodescendentes aqui no Brasil com seus próprios critérios e suas próprias categorias. A chamada estética ocidental não seria capaz de dar conta ou de abarcar todos os sentidos da arte africana e o que ela denota, principalmente na parte sacra simbólica. Na África o desejo natural pela beleza e a expressão individual criavam a variedade de objetos utilitários, que eram fabricados com esmero e artisticamente representados e que atualmente são exibidos como *belas artes* nos museus do mundo. Como afirma Santos, (1974:49): *” o belo não é concebido unicamente como prazer estético: faz parte de todo o sistema.”*Todas as manifestações artísticas afro-brasileiras,

mostram o desenvolvimento cultural do negro e as mudanças que se refletem na sociedade; a sua participação na história do Brasil ocorre há mais ou menos 400 anos e muito influenciou a arte brasileira. Com isso a fotografia dessa nova era tem que ser sensível às diferenças e trabalhar com a diversidade cultural. O fotógrafo é um instrumento importante para reconstruir e construir os valores sociais a partir das diferentes culturas. É um ser que tem a ferramenta de crítica e revalorização da arte brasileira, trazendo todas as artes oriundas dos grupos que hoje tem pleno desenvolvimento para a conquista de espaços de cidadania.

A matriz africana, com as diversas culturas africanas que chegaram através dos escravos, vão fortalecer as discussões à respeito das questões que envolvem a população de afrodescendentes no Brasil, estimulando a busca pela identificação e memória do negro, aquisição de obras de fotógrafos negros e não negros que incorporam o fazer africano. A arte eleva socialmente os negros e seus descendentes e trazem para o restante da sociedade os valores da cultura afro-brasileira que durante muito tempo foi negada e degradada pela pressão da cultura branca européia.

Nas imagens das formas estéticas africanas, a população negra, por muito tempo, foi anulada em prol do Padrão, ocorrendo um processo de perda da identidade do seu ser. Essa imagem esteve atrelada, e pensada como marginal mostrando uma visão da sociedade que impõe as características dos afro-descendentes como homens e mulheres perigosos, misturando essas imagens com orgias, prostituições, roubo. A valorização são as imagens que hoje vemos e temos na mídia dos artistas e as imagens de intelectuais trabalhadores, pessoas que fizeram nome em prol do negro e da sua cultura com muita articulação e movimentação do movimento negro para a realidade que enfrentava cada um com seu corpo e sua aparência estando em diversos seguimentos da sociedade.

A cultura fotográfica prospera sobre um imenso vácuo de idéias, ela é a prática na forma física do ser em se ver, e o Brasil tem uma arte muito rica deixada pelos negros e seus descendentes, e a sua descoberta é algo fascinante, que espelha a identidade brasileira. A linguagem fotográfica, na produção da arte contemporânea se preocupa na maioria das vezes com a realidade física do imaginário fotográfico e ela entra em diversos casos no

universo pictórico representando imagens não reais de abstração, o universo fotográfico do negro afrodescendentes é complexo pela sua representação das imagens dos seus próprios deuses, os orixás e sua religiosidade para com seu olhar de arte e do seu próprio imaginário. E isso se percebe na própria arte negra que aos poucos vem ganhando espaço e aceitação no mercado das artes.

“ A busca de uma estética vista pelo viés da ancestralidade permanece no inconsciente coletivo e o artista negro se torna a um só tempo o grande receptor e o maior executor de cânones que remontam à arte paleo-africana ou se refletem na arte neo-africana na diáspora...revelando a continuidade da arte africana fora de seus limites de origem”. (ARAÚJO, op cit p.43)

As obras de artes dos povos descendentes africanos não eram bem classificáveis, pois havia rejeição da sua cultura e por isso ela veio se reinventando para se adaptar ao meio social e isso fez dela cada vez mais se engrandecer, pois teve que ir se moldando, desfragmentando os olhares. Então quando se registra determinadas imagens dos afrodescendentes. percebe-se a influência de diversas misturas, tanto do seu corpo como dos seus objetos que foram ampliando, ganhando outras formas para ser aceita pelo padrão, hegemônico, acabando por se expandir e criando elos que favoreceu a criação de diversas imagens e formas diferenciadas da realidade visual do mundo físico indo para o campo da subjetividade como as formas diversas de entretenimento cultural dos remanescentes de escravos. O que de fato na realidade contemporânea à fotografia vem incluir a arte negra ao sistema econômico e social por causa da proibição da sua arte, também tornou se um utensílio para lutar com a exclusão. Os registros passaram a ser exemplos e documentos visuais do “ser popular negro” que ao longo desse processo de libertação pouco teve acesso ao ferramenta que é a máquina fotográfica e agora na era digital a maioria desfruta, tendo a sua própria máquina podendo, reproduzir suas imagens quantas vezes quiser, ampliar e modificar a seu próprio gosto.

A fotografia atualmente entra em uma realidade de total inserção e aceitação já que todos tem a liberdade de utilizá-la para o fim que desejar. .

O debate entre comunidades negras e acadêmicas, já começa a ter resultados e através de uma visão mais ampla do legado africano, apresentam

consequências surpreendentes sobre identidade negra, movimentos populares e a arte brasileira. As manifestações artísticas estão vivas e em constante transformação; os artistas afro-brasileiros lutam pela legitimação dos valores culturais negros em toda a sua riqueza e complexa simbologia, procurando criar espaços e utilizar os espaços que já temos, para que possamos mostrar o quanto é significativo para o povo brasileiro o seu legado.

O conservadorismo contextualiza com a formação dos pensamentos estéticos e aceitação das imagens e valores estéticos de beleza na época contemporânea principalmente a partir da década de 70 que foi mudando através de diversos movimentos sociais os padrões vinculado ao senso comum que percebemos principalmente na fotografia de diversos fotógrafos expondo e exibindo as imagens que representam o ser negro no Brasil como o fotógrafo Walter Firmo, Estácio Neves. A fotografia colocou o lugar do negro na fotografia e exemplificou principalmente diversos fotógrafos que são negros e conseguiram ter acesso a ferramenta e desenvolver seu intelecto criando uma abertura para propagar a dimensão e o lugar do negro no Brasil. Discuti muito e ainda até hoje continua dentro dos movimentos sociais o lugar e papel do negro na sociedade como reivindicação de acesso aos espaços e imagens da mídia . Claro que antes já haviam poucos no mercado midiático mas era apenas uma questão da aceitação da grande elite midiática ,”O popular que se torna cômico por eles acharem ruim desprezíveis”, então eles riem como cita o Zeca Baleiro em sua música “Qual é a graça e a desgraça que há no riso do banguela”. A imagem digital revela as posições que a realidade obtém na forma rápida e enquadrada ao olhar estético do fotógrafo e quando retratamos imagens, estamos descobrindo e reafirmando a realidade congelada e produzida no formato pequeno de um determinado ângulo. O Brasil têm um processo grandioso de miscigenação de diferentes povos e culturas que vieram para esse país por ter sido uma colônia de exploração e exigir mão de obra escrava (sistema de servidão racial) então houve uma inserção cultural de misturas havendo a pluralização cultural (Culturas híbridas) como relata *Nestor Canclini em cultura híbridas* que faz sempre estar criando formas em cima de algumas acoplando valores de diferentes vivências que se transformam absorvendo símbolos, formando critérios pessoais e exemplificando novos hábitos em cima dessa evolução cultural.

A evolução da máquina fotográfica vem agregando e modificando o pensamento em diversas ações da sociedade. Principalmente os órgãos que sempre permanecem e não mudam. Se o ato da fotografia de retratar os recortes humanos concretiza a imagem real do fotógrafo trazendo as percepções dos ângulos e formatos de se enxergar o mundo, os gestos, e formas fotográficas das suas próprias características que valorizam os aspectos do negro mestiço no Brasil por revolucionar valores multiplicando em vários formatos.

O pensamento da elite abominava a imagem que vinha de qualquer coisa dos afros brasileiros, o reconhecimento que se exige hoje em dia como os modelos, os atores negros no modo geral saírem nas capas de revistas ou na televisão é algo importante, pois a mídia tem um poder gigantesco com o pensamento e a imagem do mundo contemporâneo globalizado. Enxergando a si o próprio olhar estético que vem transformando as novas gerações na questão econômica e artística. Economicamente viabiliza o olhar direcionando a arte como mercadoria e trabalho exercendo ao fotógrafo uma fonte de renda não o colocando à margem do desemprego significando como um artista tendo espaço para expor e assim ter a sua caça cada dia e ainda um aprendizado que é trabalhar com essa técnica que serve como um canal de comunicação em diversos setores da sociedade.

As imagens dos negros são degradadas sua estética se mostra com aspectos de marcas de sofrimento em sua maioria dos negros que estão a margem do patamar de vida social. Quando observa-se fotografias dos habitantes mais precário da cidade do Rio de Janeiro tem-se uma população que descende de negros escravizados pois esses negros que não herdaram nada da divisão das terras quando acabou a escravidão ocuparam e abrigaram os espaços que eram de pouca visibilidade da Burguesia carioca e ali construíram os seus ambientes formando as suas famílias e quando vai de encontro dentro desses lugares a estética dessas pessoas são de raízes africanas e sua aparência contém marcas de sofrimento física e mental principalmente por terem tido a sua cultura excluída por muito tempo no meio social. Por ter pouco valor então ficou a mercê das altas artes as imagens fotográficas além de não conseguirem prestígios entre os estereótipos do belo

pela aceitação da classe artística do Brasil. Pelo fato de o estado não incorporar os Fatores culturais dos afro-descendentes.

Sebastião Salgado é um fotógrafo que se engajou no retrato dos trabalhadores e mostrou para o mundo através da fotografia as injustiças da exploração do trabalho e as características das condições humanas, contendo em seu embasamento fotográfico a militância para a dignidade do ser humano, registrando uma era de delicada arqueologia que a história reconhece como o lixo do mundo, a mão do homem.

Característica da desvalorização:



O fotógrafo, é um mineiro conhecido e reconhecido internacionalmente, pois se especializou em fotografar a vida das pessoas excluídas.



Característica da Valorização:



Walter Firmo um grande fotógrafo brasileiro eleva uma moradora de rua a um patamar de significação artística em sua fotografia. Trabalhando a valorização dessa pessoa que por mais que sofreu com as injustiças e incertezas da vida por ser negra e não ter um lar, um caminho que a dignifica-se e valoriza-se, por não ter tido a oportunidade pela desigualdade social ela se elevou pelo olhar de valor que esse fotógrafo carrega em sua carreira. Em todo o trabalho iconográfico do valor do negro, inserindo de forma artística, quebrando os paradigmas e ampliando a sua arte para que o fotógrafo exemplifique aquilo que lhe chama mais atenção.

2.2- As imagens da religião afro no Brasil.

A produção da arte contemporânea se preocupa na maioria das vezes com a ideologia e o sentido que a obra passa para a realidade física do

imaginário. O pensamento fotográfico entra nesse diagrama para acordar diversos casos no universo pictórico representando imagens não reais de abstração e a natureza fotográfico do negro afrodescendente é complexa pela representação das imagens dos seus próprios deuses , orixás contemplando a religiosidade com o olhar de arte do seu próprio imaginário e isso percebe-se na própria arte negra que aos poucos vem ganhando espaço e aceitação no mercado das artes. As obras de artes dos povos descendente africanos não eram bem classificáveis, pois havia rejeição da sua cultura e por isso como a arte não abandona o seu trabalho ela veio se reinventando para se adaptar ao meio social e isso fez dela cada vez mais se engrandecer pois teve que ir se moldando desfragmentando os olhares, então quando se registra determinadas imagens dos afro-descendente percebe-se a influência de diversas misturas, tanto do seu corpo como dos seus objetos que foram ampliando e ganhando outras formas para se aceitar ao padrão, acabando por se expandir e criando elos que favoreceu a criação de diversas imagens e formas diferenciadas da realidade visual do mundo físico indo para o campo da subjetividade como as formas diversas de entretenimento cultural dos remanescente de escravos. Na era digital a maioria desfruta tendo a sua própria máquina podendo reproduzir sua imagem quantas vezes quiser ampliar e modificar a seu próprio gosto então a fotografia atualmente ela entra em uma realidade de total inserção e aceitação já que todos tem a liberdade de utilizá-la para o fim que desejar.

Agregando como exemplo,as imagens de um grande fotógrafo que foi Pierre Verger-(1902-1996) um artista que revolucionou a estética da fotografia com as suas imagens da expressividade em todos os aspectos culturais no mundo e aqui no Brasil ele teve grande repercussão no que tange o afrodescendente. Colaborou com a religião e sua valorização exibindo as imagens que na época era vista por muitos como retratos de um povo aculturado.

“Como resulta de um notável paralelismo, os africanos trazidos ao Brasil, e principalmente à Bahia souberam conservar e transmitir aos seus descendentes costumes, hábitos alimentares e crenças religiosas, de tal forma que reconstituíram, no Brasil, um ambiente africano., em contrapartida, os descendentes de africanos abasileirados, quando retornaram, à costa africana, também foram capazes de preservar alguns aspectos do modo de vida de seus

parentes do além-mar. Moram em sobrados do estilo brasileiro, semelhantes aos dos antigos senhores do Brasil, são católicos e comemoram a festa do Senhor do Bonfim”.(VERGER, Pierre, 2002 p.24)



Série iniciação , Bahia



“ Filhas de Santo de Obaluayê”. Em Águas de Meninos.



Yemanjá-Salvador -Bahia -Fotos de Pierre Verger.

Pierre Verger teve verdadeira admiração das religiões africanas. Comentava que são religiões que exaltam a personalidade da gente, não fazendo nos sentirmos culpados das coisas que não conseguimos entender e nem saber. Através da fotografia, Verger capta a postura e o vigor dos corpos trabalhando, descansando ou festejando. Mergulha em festas populares de origem afro e também nas celebrações católicas.



Alafiá-Boa Saúde/ Capoeira Salvador.

A fotografia como representação e afirmação etnológica, registros acumulados ao longo das paisagens dos habitantes praticantes da ligação África-Brasil que herdamos. As fantásticas imagens fotográficas exemplificam os registros e lembranças de uma determinada época em que a fotografia ganha o auge da sua evolução principalmente nos estudos etnográficos. E o que Pierre Verger aborda em sua carreira é os sentidos e mitos dessa raiz no Brasil. Entrelaçando fatos e lembranças assim como embates e desembates, pessoas e tradições compondo a busca por uma espécie de vida livre de preconceitos e normas. Um fotógrafo viajante que busca a liberdade, um pertencimento ao mundo. É o que o faz simbolizar como um apanhador de momentos especiais. Um fotógrafo que descobriu através dos registros de imagens um portal para adentrar no universo do negro, seus valores e peculiaridades. E redescobriu o outro negro em si mesmo.

A cultura toma-se forma através dos símbolos compartilhados no convívio social a interação social e os sentidos dos atribuídos e valorizados elevando-o ao mesmo patamar. A expressão artística afro-brasileira se

constituiu a partir da figuração, seja ela humana, animal ou da forma manifestada dos *espíritos invisíveis*.

O artista Mario Cravo Neto(1947-2009),documentou principalmente sua terra natal, a Bahia, registrando suas manifestações visuais, as vivências da herança cultural, étnica e religiosa.Suas imagens tem grande força poética e beleza.



Odé 1989.

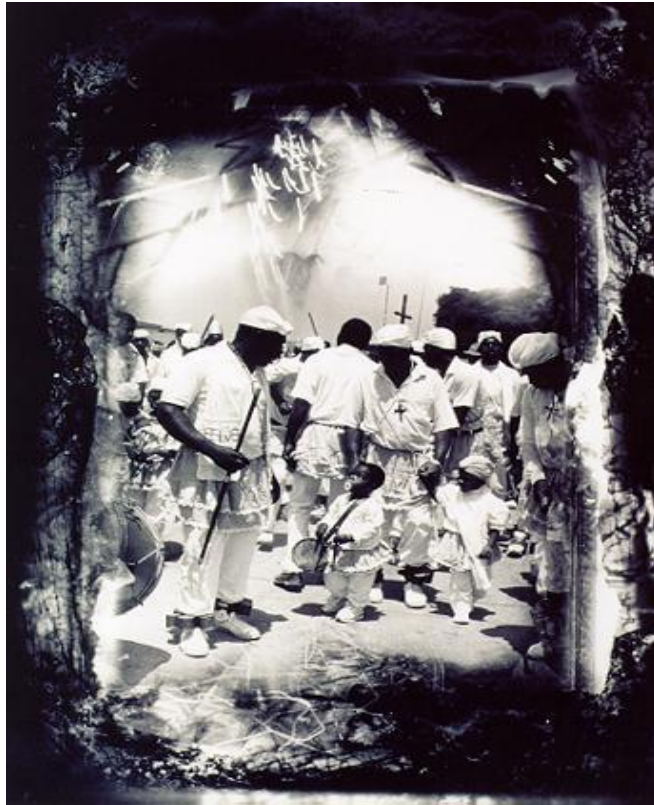


SacrificioV-1989

Olhando para aos trabalhos do artista Eustáquio Neves(1955),vemos que ele dedica suas pesquisas de caráter etnográfico junto às comunidades negras, buscando resgatar aspectos culturais. As suas obras exploram composições ricas em detalhes e elementos incorporados, tais como fragmentos de negativos, cópias de imagens, manuscritos e trechos de textos, constituindo uma bela e dedicada maneira de tratar as questões sociais e a memória, contendo um amplo significado: pessoal, autobiográfico e sobretudo mostrando a própria condição da população de afro-descendente no Brasil.

A série “Arturos”(1993-1995), que é uma comunidade de Minas Gerais, remanescente de um quilombo na região de Contagem,é considerada um ícone da fotografia brasileira dos últimos 30 anos.Essas imagens indicam devoção à Nossa Senhora do Rosário e nos remetem a cultura africana.Suas imagens são assimétricas,irregulares, com molduras em detalhes curvilíneos , chegando a causar um certo estranhamento ao olhar do espectador. A fotografia consegue abarcar a vinculação com o artifício de criação. No presente material imagético da caricatura aparecida como energias compostas de elementos das naturezas que incorporam para nos acoplarmos com as forças da vida e assim evoluir como um corpo dentro de outro e esse outro corpo dentro de um outro. E com um olhar através das lentes desvendamos para o mundo um fato de um determinado momento fotográfico que às vezes nos faz refletir certas incertezas da realidade que o mundo nos faz enxergar algo que vai além do nosso alcance e trazer as essências do sobrenatural. Que se torna natural aos olhos das mentes libertas de qualquer injustiça e preconceito.





Fotos do fotógrafo – Estácio Neves- Arturos (1994)



Capítulo 3- O NEGRO NA FOTOGRAFIA BRASILEIRA:

3.1- Walter Firmo: o espelho da fotografia brasileira

Walter Firmo Guimarães da Silva nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1937. É um autodidata, fixando-se na fotografia com apenas 8 anos, quando teve a oportunidade de viajar na infância com seus pais. Um dos seus primeiros trabalhos profissional foi como repórter fotográfico, embarcou em sua trajetória como fotógrafo do mundo, sendo influenciado pelo José Medeiros, inspirando-se no carioca Medeiros e no francês Jean Manzon, dois míticos fotógrafos da revista O Cruzeiro, iniciando sua carreira como retrator de fatos reais através do jornal Última hora em 1957. Na década de 60 trabalhou no Jornal do Brasil, na Revista Realidade recebendo o prêmio Esso de reportagem. Dali em diante, tem em seus retratos uma visão inovadora e ousada tudo que poderia clicar e registrar ele apanha, é um *buscador de momentos* poéticos com muitas certezas no apuro de técnicas, um visionário da expressão. Em 1967, tornou-se correspondente da revista Manchete, da Editora Bloch, em Nova York. A partir daí fez reportagens nos Estados Unidos, México, Canadá e Caribe, durante seis meses. Nessa etapa são conhecidas suas representações fotográficas sobre Cuba, que se aproximam das imagens do Brasil pela cor e pela composição muito poética.

Em 1971, Firmo tornou-se notório universalmente, logo que foi mencionado na papeleta "fotografia" da Enciclopédia Britânica,. Neste mesmo ano, deu abertura a uma série de trabalhos na área de publicidade, principalmente para a indústria fonográfica , fazendo fotos capas de discos de artistas como Clementina de Jesus e Pixinguinha. Se tornando bastante conhecido por suas fotos coloridas e por retratar importantes nomes da música popular brasileira iniciando pesquisas sobre festas populares do País.

Em 1973, junto com Claus Meyer e Sebastião Barbosa, fundou a agência fotográfica Câmera Três, depois caminhou, para a equipe das revistas Veja e Isto É. Na década de 80 ele começa a sobressair mundialmente e exerce em seu trabalho a arte que já havia desempenhado desde cedo, ganhando espaço e se tornando o primeiro fotógrafo brasileiro a expor no Museu de Arte Moderna (MAM). Entre os anos de 1986 e 1991, dirigiu o

Instituto Nacional de Fotografia da Fundação Nacional de Artes (Funarte). Em 1994, lecionou no curso de jornalismo da Faculdade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, concretizando-o como um professor nesse quesito que tanto o faz ser um grandioso profissional da magia da luz.



A câmera é a extensão de seus sentidos revelando no fotógrafo o poeta que nele vive.

“Desde a metade da década de 1950 fotografava a comunidade negra brasileira prestando serviço a uma causa social que considera insuspeita. Já híbrido de José e Maria seus pais, trabalha esta sociedade silenciosamente na discrição de um monge, sem nenhum alarde, induzindo orgulho, altivez e dignidade aos negros brasileiros”.W.F.G.S.

Em seu livro articula com a psicanálise da imagem do fotógrafo afirmando que ele costuma retratar a projeção de si. Algo que nos sinaliza e chama a atenção e isso é uma característica da maioria dos fotógrafos pelo fato de apanhar registro que se identificam fazendo relação com os seus ideais

absorvendo sonhos através do descobrimento do mundo através das lentes fazendo do resultado a magia da sua própria imaginação que ganha vida para outros olhares.

“Eu nunca fui pela violência a causa obstinada de querer e fazer gritar no sentido de militância essa palavra militância me agride, a gente tem que se impor de outra forma , a minha militância é plausível sossegada, a minha militância é silenciosa através do jargão. E a palavra fotografia já é o silêncio que diz muito. E eu venho já desenvolvendo há muito tempo a valorização pela beleza da negritude por si só e trabalhos com eles em qualquer idade onde o negro está estou inserido em um totem tenha a idade que tiver”. “, Um olhar fotográfico pode ser um instrumento de racismo, reforçar um estereótipo estigmatizando também. Fico a vontade por ser negro e trabalhar os meus afetos a minha gente, e me sinto muito a vontade tanto que eu mergulhei na musicalidade e fotografei diversos negros da música brasileira. Relação de amizade. Almejava o sucesso tanto que hoje ele colhe os frutos. Quando eu iniciei estava sozinho na questão sempre fiz o meu trabalho sozinho.”

Conhecer o verdadeiro rosto, o rosto de cor brilhante escuras ao ponto de iluminar a foto. As fotos de Firmo são identificáveis pela sua cor, e jeito de eternizar uma paisagem, um vulto, a preocupação com a limpeza do fundo e a delicadeza do olhar que denunciam a autoria.

Para o fotógrafo Walter Firmo, a imagem não pode ser neutra e o poder do olhar deve influenciar as pessoas porque o ato de fotografar tem que ser político e não um mero acaso instantâneo. Nos últimos 50 anos, Firmo saiu pelo Brasil em busca de fotografias únicas que contassem a história do povo brasileiro através de retratos, de uma cena cotidiana ou de suas manifestações culturais.



Para o fotógrafo carregar esse paradigma que foi expor algo que não se parece com a nobreza, o clero e nem a burguesia midiática, foi um fruto do seu próprio trabalho, pois o que ele mais gosta é de registrar corpos negros. Quando ele diz: "Eu fazia meu trabalho sem alardes e fazia as fotos no carnaval, nas festas e nas igrejas, tudo no foco em pessoas negras".



Retrata que não sentiu preconceito ao expor nessa época. As suas fotos foram bem aceitas, por isso não percebeu esse preconceito, pois encara o seu trabalho com muito vigor e realmente já sabia o que estava fazendo, esperou o momento certo para se lançar e teve calma sabendo realizar bons trabalhos e se impor perante a classe artística. Afirma, que se houve críticas ou preconceitos por trás dele, ele não prestou tanta atenção, tanto que hoje em dia sem ter feito tanto "Auê" o mundo o reconhece como um ícone da fotografia brasileira.

Era muito difícil conseguir os espaços e hoje em dia com as conquista do negro no Brasil o que você enxerga como dificuldades?

"Com a idade que eu tenho, com a minha força, eu confesso que sou geminiano e enxergo varias maneiras de ver o mundo, querer ser alguém tão importante como eu sou é seguir o vento que tange os ares. O tempo ele não existe para mim, pois sou eterno."

Uma das características de Firmo é o retrato das belezas do corpo humano ele não é um fotógrafo de paisagem, a paisagem é para ele algo a ser contemplada, pois ele gosta de mudar o que ele vê e no corpo humano ele pode mudar a atitude e transformar do jeito que ele imaginar .



Fotos do Fotógrafo Walter Firmo

Como é o retrato da representação em seu trabalho, se torna uma coisa falsa ou verdadeira consegue ver aura?

Está imbuindo na grande fantasia que é um grande teatro e estão ali fazendo o seu papel e eu escolho o melhor deles naquele momento.

“Creio que a verdadeira função de uma fotografia é sobre tudo educar, levando ao espectador sempre algo novo: o ato de ver uma fotografia será sempre um ato de conhecimento”. Walter firmo.

Ele passa a ministrar cursos e workshops, palestras pelo mundo, principalmente as viagens didáticas com os seus alunos. Nessas viagens ele consegue abarcar uma visão mais abrangente podendo encontrar imagens que exemplificam ainda mais e junto com os seus alunos eles redescobrem universos estéticos.

Dos meus alunos se divide um pouco o olhar e o caminho através das câmeras. Tem cinco parando no tempo que tem o romantismo no hobby da apreciação fotográfica, e os outros cinco quer trabalhar como fotógrafo. Ele às vezes fica repensado essa coisa de dar aula, pois tem muita gente que já se acha fotógrafo saindo e fazendo foto e não tem aquele olhar aquela calma de enxergar o momento do ato de fotografar.

“O tempo não existe para mim. A foto ela é uma técnica que pode se tornar uma bruxaria, e eu sou um bruxo na fotografia. O mágico de desenhar a luz.”

Foto feita no Sul da Bahia. “ Relata que estava andando de carro naquela região e era bem cedo de manhã quando se deparou com uma puxada de Xarel e eram pescadores e eu estava com uma 35 mm filme cromo e fiquei entusiasmado com essa figuração humana uma estatueta que se move e é esse corpo magro é lindo que reluz em uma luz, quase que um balé com as mãos as sombras o chapéu uma cor esquentada com o amarelo e o marrom dando um contraste com o azul frio do céu, uma foto que simboliza uma atitude corporal linda”



Qual é o confronto que a cor alimenta nesse sentido, no seu trabalho?

“Eu tenho a cor como uma questão épica de dignificação e contextualização de ser, e o Brasil por ser tropical invadido pelo a luz solar diariamente ela é inundante ela vem com tudo o seu calor qualifica uma invasão cromática em cima das cores e dos corpos e quando ela permeia o dorso da negritude os dois ficam mais bonito, não só a luz como o negro . A cor é o meu verniz que eu faço entorno das configurações. O entorno das minhas considerações estéticas.”

Você encontrou dificuldades para expor quando iniciou a sua carreira?

“Eu levei 25 anos para fazer a minha primeira exposição fotográfica. Eu não tinha essa ânsia de expor as minhas imagens. Tem gente que faz um ano de fotografia e já quer expor e eu sendo profissional vivendo disso trabalhando na causa sendo fotógrafo não tinha pressa mas eu sabia que um dia quando eu fosse expor eu arrebentaria e arrebentei no MAM-Museu de Arte Moderna, o primeiro brasileiro a expor no MAM em 1983. Não houve tantas dificuldades, mas não queria se mostrar aos pedaços e sim ao todo. E eu venho muitos anos trabalhando essa causa do negro e incensando a beleza plástica a sua forma gloriosa de estar, eu vejo o negro sempre em uma inserção no meu trabalho, pela beleza por si só e sempre trabalho com eles em qualquer idade, criança, jovens, velhos o homem. O negro em meu trabalho é exemplificado inserido-o como um totem tenha a idade que tiver. Eu tenho a cor como uma questão épica de significação e dignificação invadindo a pela luz solar.

Fotografias de Walter Firmo:



Latifúndio 1992.

A sombra dos que sentem cansaço, dos que soam nas masmorras das explorações humanas, dos que tem cede e não encontram a sua saciação

dos que são obrigados a aceitar a viver na sombra das injustiças e não ter uma oportunidade de trilhar outro caminho.



Rio de Janeiro 1980.

Nessa Fotografia, Firmo consegue abarcar a imagem da ida dos sambistas mostrando a arte o caminho para a exibição de uma manifestação popular que é o carnaval. E nessa foto faz lembrar e sempre olhar para aqueles momentos que aguardamos e esperamos um exato de contentamento e satisfação, um momento onde dá aquela ansiedade de sair e desfilarmos na Sapucaí ao mesmo tempo o encontro com a alegria .



Rio de Janeiro 1985.

Nesse momento o fotógrafo capta um registro único no qual realça a preparação e ida ao grande momento dessa Baiana e segurando uma criança no colo mostra a continuidade do seu trabalho.



Um olhar vivo e despertado para quem está em completa sintonia e harmonia consigo. E essa foto especialmente desse menino no carnaval faz aflorar a visão da interpretação de que eu estou aqui fazendo a minha festa. Pode tirar quantas fotos você quiser por que através dos meus olhos você vai enxergar o meu vigor.



E a arte que retrata o artista, essa foto em especial reflete um momento de memória de um grande compositor da música nacional brasileira , um sambista que soube filosofar o samba, Cartola.



Um grande fotógrafo se torna uma grande pessoa quando consegue enxergar os valores que ela tem sabendo evidenciar na sua criação mágica transformando em arte através da fotografia elevando a um nível de eternidade as figuras humanas.

Imagem da sua família, sentados são os seus pais e em pé os seus filhos.

Foto Walter Firmo.



3.2 –Bife - Emilson (negro fotógrafo brasileiro)

Fotógrafo Bife , negro estudante de História e professor de maquiagem em cinema.



Bife, Fotógrafo

Em 1961, nasce Emilson Mendes da Silva (mais conhecido como BIFE) no município do Rio de Janeiro em Cordovil, sendo esse bairro o seu porto seguro , mas em seu trajeto passou por diversos lugares ao longo da vida através das necessidades e funções do trabalho, como cita a Lapa, Copacabana, Urca e vários outros bairros conforme sua disponibilidade e função. Atualmente mora em Vista Alegre.

Desde aos 12 anos gostava de fotografar, a máquina fotográfica era algo que chamava a sua atenção por se tratar das primeiras experiências no cinema. Sendo o cinema o ícone que aflorou a arte visual na vida desse artista, já que ele tirava foto still que eram fotos paradas do cinema.

O cinema são as fotografias em movimento, ele frequentava o cinema de Vista Alegre nas matinês, na época que o cinema se chamava Poerinha e

com isso foi se interessando por essa linguagem. Ficou fascinado por esse lugar que ia todas as vezes que podia até que a maioria dos espaços dos cinemas foram vendidos para a Igreja Universal do Reino de Deus, e o de vista alegre foi uns do que não foram vendidos mas foi fechado. Tinha fascinação pelo cinema e falava para si mesmo um dia eu ainda vou fazer isso, trabalhar com o cinema que ainda não poderia imaginar em qual parte, mas queria estar contribuindo em algo relacionado ao cinema. Não tinha a pretensão de ser famoso, gostava do telão de ir ao cinema e a partir daí não sabia tecnicamente se um dia iria conseguir fazer um filme, mas que faria algo desse nível. Hoje fazendo cinema ele consegue ver o número de profissionais que estão envolvidos em determinadas produções. Quando termina um filme toca a música, logo que termina essa música vem outra com os créditos e o público costuma levantar e raramente lê os créditos de quem trabalhou internamente. Citam as pessoas da produção como maquiadores, figurinistas fotógrafos, contrarregra e efeitos especiais.

O fotógrafo afirma que almejava conquistar o cinema seja relacionado em qualquer área da arte. Quando fala: “ Eu tinha uma certa afirmação que faria algo no cinema, mas o produto final eu ainda não sabia o que eu queria , mas a imagem do telão me encantava, eu não tinha noção dos bastidores ou seja os profissionais que estavam por trás daquela tela na produção audiovisual . Profissionais esses que ficam por traz dos bastidores”.

Quando ele começou adquiriu com muito custo uma máquina Xereta que era da Kodak uma câmera de filme analógica a mais barata na época que foi algo importante e interessante pois pode iniciar as suas primeiras visões fotográficas que fazia fotos de amigos, parentes , pessoas nas ruas e paisagens urbanas. Aloca as dificuldades assim que começou a trabalhar com seus 15 anos de idade, ele diz: “ Eu fui trabalhar e estudar a noite. Trabalhei durante o dia e consegui comprar uma câmera analógica que só havia ela no mercado com o valor mais barato. E aí a minha intenção era a de um profissional, pois queria pegar ângulos e enquadramentos, assim fazer uma boa foto dentro da concepção que fiz uma boa foto mas não comparativas com grandes nomes da fotografia não tinha de pegar comparativos. Era um hobby onde lá no início em que o cinema me fascinava e algum dia eu ainda vou fazer isso e daí comecei a querer fazer o melhor e a partir daí ao longo do tempo dei

uma parada na fotografia e fui fazer escola de teatro em 1979 com 18 anos no bairro da Urca paralelo aos meus outros. Cursei um grupo artístico do núcleo de arte da Urca e assim adquiri visibilidade, pois o professor era o Fábio Junqueira . Montaram diversas peças e em 1980 agreguei aquele sonho de menino de um dia ainda fazer cinema. Como ator tive visibilidade frequentando o meio, e fiz diversas novelas cita (Pacto de Sangue) e (Guerreiros do Baioni) mais uma das novelas de escravo “ .

E nesse meio ele conheceu o José Medeiros, um top da fotografia. Fotógrafo da extinta revista *O Cruzeiro* que depois virou a revista Manchete. Tornaram-se amigos e a fotografia era toda voltada para a África e a Produção Cultural. Não só os interesses artísticos e o direcionamento me levou para a mais centralizada observações através das lentes em fotos que criticam o cotidiano e fotos artísticas.

Quando fez um título, um tema assim como linha de trabalho o Tempos Urbanos, passando a observar o cotidiano em observação ao tempo e o espaço como o administramos, e como valorizamos. Vendo que através do clique da câmera e o tempo de como se faz e aonde se vai é tão rápido como fotografar, saindo da linha do tempo e indo um pouco para o comercial, pois precisando de mais trocados começou a exercer uma série de trabalhos relacionados a aniversários, casamentos como forma de sustento, mais um ganha pão momentâneo, mas não era a sua praia citando fatos de pessoas em festas. O artista ressalta: “ Eu precisava de um dinheiro para sobreviver pagar as minhas contas mas não era o meu foco. Comecei a abrir mão desse tipo de trabalho e dar início a crescer por onde desde cedo iniciei quando menino que tinha um sonho a minha perspectiva, sendo a arte o que eu queria propagar, a arte do cotidiano o dia a dia com temas urbanos . Princiípei fazendo várias coisas relacionada à arte e cinema assim o áudio visual cinema no celular. Foi quando a uns 4 ou 5 anos o governo me chamou para trabalhar dando aula de maquiagem na Faetec escola de artes técnica aí foi realmente um momento em que cheguei em um momento não agregando a fotografia cinema que faz ao que eu podia contribuir para a formação de novos profissionais. Quando alguém atribui a função de professor em um coletivo onde você mediu e lecionou e tem o seu nome embaixo você passa a não só responder por si mais por centenas de pessoas que vão levar para um mundo desde menino quando

começou olhar a arte em sua totalidade e determinado momento parou e percebeu e passou a ler os créditos dos filmes nem que seja a fotografia e ensina a ver e estimular uma pessoa que contribuiu com o filme. Uma imposição de ensinar e hoje com a fotografia eu tenho mais tempo para me dedicar, eu faço foto que eu quero retratando o ideológico não apenas comerciais e toda essa trajetória por momento nenhum me senti inferior por questões raciais no meu trabalho. Que cai em um preconceito social por ser negro eu senti sabendo que a maioria dos meus amigos atores e artistas fazem cultura dando destaque a comunidade fazendo a arte para o mundo” .

Para o artista Bife os grandes temas da negritude que valoriza o seu trabalho fotográfico são carnaval, colocando como uma grande ópera popular, a música retratada através das lentes pelos seus intérpretes. As artes no modo geral por que todo o conceito de arte a maioria tem como principio o conceito de África. Levando-se em conta a importância do negro na construção da identidade do negro através da fotografia ele ressalta que. “ A principio o obturador não define o dedo de quem ta apertando, mas o negro passou a contribuir até hoje dando ao cenário artístico o que era as manifestações artísticas e culturais somente voltada para o negro passou a ser observada pelo mundo e a partir daí os donos das fotos passaram a ser observados juntos pois a intenção era fazer aquele gueto que eram as danças o candomblé que foram visto como arte e o mundo passou a ver e começaram a registrar essas manifestações artísticas e culturais como grandes artistas da fotografia. Como por exemplo, hoje vai ter uma feijoada aí acabava por tirar fotos e embarcando no olhar mais amplos indo para os museus e centros culturais que se renderam aos olhares e valorizaram essa estética” .

A cor permeia o trabalho do artista e nesse sentido ela contribui alimentando-o, pois é bastante presente e geralmente ele gosta de trabalhar no que o chama atenção. ” Fazer as fotos são as cores e as vezes também o que me irrita são as cores aí eu joga para o preto e branco”, citando ele que costuma utilizar as cores primárias ou seja as originais.

Ele costuma colocar os seus trabalhos cronológicos cogitados em décadas:

Década de 80- eram fotos e trabalhos aleatórios tudo que via fotografava estava me descobrindo dentro da fotografia buscando um ideal.

Década de 90- trabalhou com coisas mais acadêmicas, ou seja, buscando mais clareza um norte e uma definição da linha quando você busca um tema específico definindo a sua linha de trabalho.

De 2000 pra cá, trabalhou as fotografias com ideias voltadas para o cinema mesmo se tratando de fotos, mas com a formação de uma sequência slides para não só ter um registro mais uma continuidade de fotos para poder retratar de formas diversas determinados temas. Por exemplo, retratar a central do Brasil em vez de tirar uma foto pessoas passando trem formando um mosaico, mas com um tema central.

“ No Japão há mais de 30 escolas de samba, cita a felicidade e saúde, esse ano teve aqui no Brasil na UNIRIO o presidente da associação de escola de samba do Japão desenvolvendo um trabalho com o Fotógrafo”.

Atualmente ele está desenvolvendo um trabalho com o portal de Carnaval da UNIRIO, onde o foco é o carnaval, mas não se centraliza apenas no carnaval que é samba e carnaval, então entra em todo o universo do carnaval independente do mês, eixo, pois as pessoas geralmente o padrão cultural associam os 4 dias de folia e brincadeira ,mas na verdade o carnaval o desfile é uma grande ópera popular. Sobre o carnaval nós temos material para o ano todo, os 365 dias do ano pode ir aqui ou ali que sempre vai pegar cenas pertinentes ao carnaval. E finalizando um dos seus trabalhos de grande importância que é o Filme Tempos urbanos. No seu projeto Tempos Urbanos como idealista, diretor, e roteirista e a ideia principal é valorizar o nosso tempo da forma em que agente administra o tempo e se tratando de religião é quase que um principio tauista ele fala: “ Você pisa naquele rio uma vez só e aquela água vai embora. O que vale mais o pote de ouro ou o minuto? Eu valorizo mais o minuto por que ouro agente pode conseguir de volta e aquele minuto nunca mais agente recupera e vem outras questões que eu trabalho que exemplificam o tempo , o tempo de vida , o tempo de morte e lá se vai o tempo tudo é tempo nesse momento agora recorre um tempo . Não há nada na vida que o tempo não tenha a sua participação .Hoje em dia principalmente que ele não esteja atuando o mundo anda em pressa. E consegue administrar o seu próprio tempo por vários aspectos nós ocidentais somos imediatista sem pensar nos nossos netos, bisnetos. Nos queremos coisas que venham a nos beneficiar fazendo com que Adquiri-se um certo egoísmo.

“ Pra que esperar o tempo se ele age de uma forma na qual não se recupera mais e por isso existe uma corrida a pressa, pois ela corre contra o tempo que funciona de uma forma que não volta mais” .

E no seu trabalho onde você coloca essa quebra de paradigmas? Quando eu retrato as cenas urbanas e com isso deriva o tempo e a quebra de paradigmas é quando você demonstra através da fotografia o comportamento dos seres humanos de forma que no caso da uma exposição mesmo não sendo a própria pessoa na qual se vê através das fotos mais olham com um olhar eu faço isso? Cenas de caráter que entra na antropologia, pois e a pessoa não se dá conta daquilo que é a pessoa não se dá conta daquilo que deseja, não sabe o que é a sua própria vida e não sabe que tem que cumprir determinadas funções então dorme e acorda com um único objetivo acordar e cumprir aquilo que o tempo pede. Qual foi um dos seus trabalhos que você viu a maior valorização de você e conseguiu ter uma repercussão?

Em falar de um trabalho específico eu posso ver de várias formas o mais trabalhoso, o mais prazeroso, o que me rendeu mais notoriedade, então sou meio suspeito para falar mas eu vou falar do mais prazeroso foi quando o Pedro o meu neto nasceu e eu olhei através da lente aqui vai uma imagem que vai ficar a minha marca e não só é essa foto mais uma é a minha passagem nessa vida a minha vida.A vida para através de um clique.

“A imagem do Pedro do meu neto daqui a algum tempo vai trilhar 100 anos e dizer foi meu avô que fez” .

Estava lá então vejo a foto como coisa artística e no início eu tinha medo por que congela através de um clique uma coisa mágica ficando uma lembrança um lado que eu venho trabalhando e decidindo uma coisa que eu quero e como historiador eu percebo que uma câmera me leva assim a coragem .

“ As minhas fotos eu vejo pelo lado poético, mas já fiz trabalhos com revistas, modas diversos tipos de fotos”.

Fotos do Fotógrafo(Bife):

Parada Gay de Copacabana de 2012.



Parada Gay de Vista Alegre- RJ.

As imagens da alegria que simbolizam a liberdade de se vestir e usar qualquer que seja o tipo de imagem que queira naquele momento. E nessa foto exemplifica que todos são iguais, independente de opção cor cara ou jeito um copo de cerveja um abraço amigo uma fantasia é um momento único de satisfação para viver.



Parada gay 2012, em Vista alegre-RJ. O beijo acompanhado.

Aluna do curso de maquiagem em cinema.



Encenação da peça de Teatro do curso que ministra na Faetec.



“ Ela pediu para tirar uma foto dela, uma moradora de rua então ela ajeitou o cabelo prendeu e fez a pose, logo depois ela disse que gostaria de mandar essa foto para a sua mãe que está longe. É uma foto que resgata a auto-estima”.



Estava em Oswaldo Cruz no trem do samba- Um sambista no seu grande dia . O dia nacional do samba.



Se pararmos para analisar em uma parte da rocha parece um macaco um primata olhando escondido. A intenção era de buscar algo quase que nem tanto ainda visto e explorado e não tem nada melhor do que a natureza. Eu fui para Ouro preto fotografar telhado e se tem algo surpreendente é acidente de percurso de repente milhares de pessoas que foram a Ouro Preto nunca viram isso.



Ouro Preto Novembro de 2012.

Me leva que eu quero conhecer o mundo. Já passaram 3650 ônibus, um dia chega o meu. A ideia é o nada e a concepção de existência.



Ela veio do Recife para ver o Pai que não o via há algum tempo. Retrato que faz realçar a busca pelo um ente uma saudade que permeia toda uma passagem vivida um elo que estava distante e esse momento é um momento emocionante pois ele passa a singela representação do amor paterno.



As bailarinas





As flores dançantes

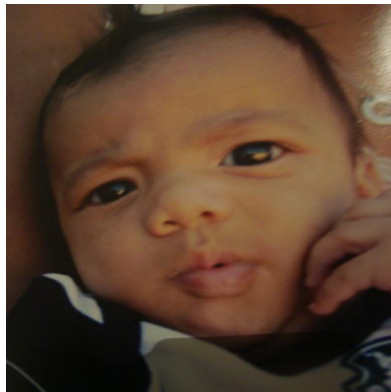


Eu vi o tempo em contagem das gotas e esse tipo de rocha parece ferro então é a corrosão do tempo. Desperta as lágrimas dos negros que derramaram o seu sangue para o enriquecimento dos invasores exploradores que se diziam descobridores.

Fotos dos pais do fotógrafo Bife. A recordação da sua família.



Imagem do Pedro neto do Fotógrafo Bife.



Capítulo 4 - Um ensaio da fotografia sobre a minha visão da negritude:

4.1- Arte e valor da estética do negro através da fotografia:



Essa imagem em especial é de um grande ator, Zózimo Bulbul, uma figura fundamental para o movimento negro. Que teve em sua trajetória a representação da imagem do negro na época contemporânea, uma história marcada pela liberdade de expressão a quebra das correntes uma grande pessoa que continua a perpetrar as suas representação em outro plano universal.



Fotos de Andrea Villas Boas

Renata Batista: Artista de rua do grupo “ Ta na Rua” - 2013.

Uma Flor beijando a outra, uma representação da arte significando uma interpretação do valor da beleza natural em forma de uma grande imagem que representa a pintura no rosto de uma alegria em um gesto Simplício. O ato de beijar uma Flor.



Valorizando essa figura, uma mulher moradora de rua mostrando as características da desvalorização por ela ter em suas feições buracos de uma vida sem cuidados sem uma valorização do seu corpo, percebendo através do seu sorriso banguela, mas nessa foto ela é valorizada por estar em um evento de batalha sorrindo e contente.

Fábio Emecê Músico do HIP HOP e professor de Literatura-integrante da juventude negra de Cabo Frio :



Fábio Emecê, dialoga em prosa os dilemas da sociedade, sobre a importância do Hip Hop na formação da identidade popular, guerra de classes, racismo e a luta pelo resgate da cultura.

4.2 – Fotografias e dilemas da representação religiosa do negro no Brasil:

Transfiguração e transformação fotográfica.



Foto de Carolina Reis

A modificação faz a ilusão dos aspecto da distorção visual realçando imagens que mostram figuras contrapondo com as figuras normais indo ao encontro do visual mais impactante e nesse caminho se transforma como o fotógrafo quer que seja passada, uma imagem de uma criança fazendo careta.



Incorporação na gira de caboclo-Umbanda 2012 Festa do seu caçador. *(Foto feita por Carolina Reis)*. Quando eu tirei essa foto eu estava realmente com a intenção de pegar o exato momento em que a entidade incorporou nessa pessoa, então foi um momento rápido único de onde ela se abaixou tremeu e já não era mais ela as suas feições mudaram a voz e o som que emitia era algo extremamente distante não conhecido e fechou os olhos como se tivesse dormindo.

A semente plantada pelos negros e seus descendentes deram frutos e aos poucos a expressão de uma alma negra se incorpora às artes no Brasil, a fotografia se torna uma técnica de maior visibilidade e transformação social com o trabalho de vários artistas de herança cultural negra, em várias modalidades de arte. Estes vão servir como exemplos da afirmação da competência do negro na produção artística da sociedade brasileira, colocando a importância da cultura africana na formação da nossa identidade cultural.

Iniciação de uma Yawo de Òbà Xire .

A filha de santo é uma eleita dos santos do candomblé. Sua revelação ocorre em entregar-se a um súbito estado de transe médium indicado da encarnação do canto e o toque do atabaque. Para se tornar filha de santo terá a pessoa que se submeter às normas ritualísticas que são o desenvolvimento das suas virtudes mediúnicas que vai dignificar a verdadeira sacerdotisa do candomblé.

Essa iniciação nos rituais do culto faz com que o Yawo aprenda o cântico sagrado na própria língua africana de onde ele se origina rigorosamente observada no transcurso dessa etapa.



Òbà ou ainda Yoba em algumas terminologias. É um orixá da caça, coriscos, do encontro da água doce dos rios, com a água salgada dos mares (pororoca). Òbà é a guerreira mais valente de toda a África, jamais nenhum outro orixá à venceu. Esta grande yaba guerreira foi a primeira esposa de Sàngò, que dele recebeu o poder de cuidar dos coriscos. Certa vez, enganada por sua própria ingenuidade e ouvindo os conselhos de Osùm decapitou sua própria orelha, e serviu em um amalá em amor ao grande Obá. Então a grande deusa foi expulsa de seu reino, e transformou-se em um rio. Dona de uma sociedade africana secreta, conhecida por: Eleko, ela comanda um grupo de amazonas guerreiras. Ela é protetora da família, dos corações sofridos, amor, sabedoria.

O SOPRO DO VENTO

O vento ainda sopra
E sopra no coração
Dos refugiados
Sopra...
Na revolta dos condenados
Sopra...
Na vontade de justiça
Sopra...
Como uma imensa ventania
Que ao passar leva tudo consigo
Só não leva o sofrimento
Dos que aqui ficam
Sopra...
A cada dia, mês e ano
Sopra...
E sempre irá soprar
Sopra o lamento
Dos povos sofridos
Perdidos de sua própria
Essência

Essência
Que lhe foi tirada
Identidade
Que lhes foi apagada
E apagada, como se fosse
Uma mancha
Hoje o vento
Sopra...

Mas sopra em rumo

A liberdade
Liberdade essa de ser
Quem somos
De nos assumirmos
Enquanto afrodescendentes
E acima de tudo Enquanto negros!

Poema feito por: Jacqueline Oliveira, yawo de Òbà



Ogan batendo o atabaque gira de preto velho em Madureira Maio 2012- Foto tirada pela Carolina Reis. Essa imagem ela chama a atenção para a movimentação e a ferramenta principal da cultura que é o toque. O toque de um atabaque é a música dos “espíritos e energias”.

AS MÃOS DOS NEGROS

As mãos do suor
As mãos do engenho
As mãos gastas pelo silêncio
Ausência contida nos peitos
De um banzo incontrolável

Pobres mãos, negros, peitos
Exilados no mais puro desejo
De retornar a terra amada
Oh! Juffure, carregaste no peito
Dos submetidos a escravidão
A doce lembrança de Kunta,
Omoró, Yaisa e Binta
Heróis de sua época
Membros de uma história
Pertencentes a uma nação cuja identidade é GÂMBIA!
Poema feito por: Jacqueline Oliveira, yawo de Òbà

4.2 - A mulher negra na fotografia:

Valorizar, incentivar e conhecer o popular acerca da importância que a resistência das mulheres tem com um papel de construção da nossa sociedade na luta contra o racismo e machismo. É de grande valia de forma com o que o material iconográfico transmite uma representação da força de diversas guerreiras que por , muitas das vezes carregaram sozinha o fardo de ser mãe e ainda cuidar de outros filhos guerreando para alimentá-los.“Na memória coletiva oficial, a história das mulheres negras não existe por ter sido recorrentemente negligenciada. Dar visibilidade às imagens e representações sobre as mulheres negras significa não só romper com um monopólio da verdade histórica, mas também dar voz e autoridade ao segmento social e étnico que historicamente sempre esteve isolado e marginalizado: a mulher negra”.

A diferença entre a mulher negra e a branca, feminista negra diz que os movimentos de mulheres brancas só existem por que quando elas estavam queimando os sutiãs, as negras estavam lavando as roupas delas.



É um exemplo disso de superação entre a lavanderia de roupa e o sucesso de ser reconhecida e aclamada foi à cantora Elza Soares. Que começou com muito custo cantando ao lavar as roupas das madames e hoje ela se destaca cantando nos grandes palcos do mundo.



Clementina de Jesus, a Preta velha mais encantadora .



Foto de Walter Firmo.

Dialogando com a comunicação na construção dos discursos oficiais hegemônicos.

“Ao abordar a temática de gênero e etnia, a fotografia da mulher negra e a sua cena no desenvolvimento da formação da sociedade brasileira pretende contribuir para a reconstrução da memória coletiva, dando visibilidade à mulher negra, ou seja, é um exemplo de como a imagem e a comunicação pode ser utilizada para questionar as verdades estabelecidas, desnaturalizando preconceitos e opressões vivenciadas ainda hoje por uma parcela enorme da população.

Movimento das mulheres de Duque de Caxias na luta por melhorias ao atendimento à mulher.



Fotos de Carolina Reis.

Leni Lena, mulher negra ativista de movimentos sociais lutando a favor da dignidade.

No Brasil, até fins do ano de 1962 a situação jurídica da mulher era semelhante à dos silvícolas e dos incapazes. A mulher nada fazia sem o consentimento do marido, não contraía dívidas, não assinava documentos de compromisso, não podia exercer uma profissão, ainda que tivesse formação superior e fosse médica, advogada ou engenheira, só podia medicar, advogar, construir ou qualquer outra coisa com o consentimento escrito do marido



Fotos de Carolina Reis

Mulher negra ativista e socialista Maria Madalena representando a mulher de Duque de Caxias.



Fotos de Carolina Reis

Para exercer os mesmos direitos como mulheres na participação da sociedade, elas tiveram que cruzar barreiras consideradas intransponíveis. A mulher busca seu espaço e esta é uma atividade política e deve exercê-la com muita eficiência; pois, ela antes de tudo é um ser humano que tem braços, tem pernas, tem cabeça e raciocina como qualquer pessoa viva, o espaço político deve ser conquistado. A reivindicação de seus direitos é um dever natural e ela não deve abdicar dessa participação que lhe compete.

Fotos de Uma mulher viajante, Carolina Cattan:

Essa foto foi feita por uma fotógrafa que a sua característica nem é a representação do negro. Mas conheceu e viajou com o Walter Firmo para Bahia, quando fez um dos seus cursos de fotografia. Essa artista registrou diversas fotos da festividade do dia 02/02/2011, a festa de Yemanjá representando através da fotografia reconhecendo, as raízes, contendo em seu trabalho a valorização da cultura negra no Brasil.



Uma linda imagem que representa a negritude seus valores e suas raízes com um sorriso aberto ao encontro de um mar navegando nas ondas de Yemanjá Salve Odoya. Ela fala como a princesinha do mar em uma graciosa imagem que mantém um encontro com a raiz materna que são as froças das ondas.

Nessa foto a Carolina Cattan capta o sorriso nos olhos ao encontro de um momento que transmite uma energia colorida e vibrante da negritude.

Alícia Ayana =A verdadeira Flor Bela.



Fotos de Carolina cattan

O modo de ser do mundo, e como é a visão das pessoas diante dos acontecimentos que retratamos através do que nos cabe enxergar como imagens a serem apreciadas como bela. Essa imagem faz renascer o alvorecer de uma estética linda aflorando a beleza. Uma bela imagem da negritude que sobressai a liberdade uma vida livre da imposição cultural e “fora do sistema de escravização do negro”, modificando o olhar fechado e triste que tem muitas imagens que foram retratadas ao longo da trajetória do negro no Brasil e essa

em especial mostra um sorriso realçando o preto e o branco pintando a cor negra se tornando um trabalho da própria vida da cor colorindo o negro.

Na maioria dos rituais dos africanos no Brasil, estavam ligados a movimentos de resistências como um plano de uma rebelião escrava e organização política dos sacerdotes, comunicação entre as fazendas em forma de células, e os cultos ao lado da defesa do seu povo, pois na religião de matriz africana trabalha-se a cura, que poderia ser no plano religioso, mas também no plano político e esses rituais eram específicos de guerreiros que levariam dentro das suas características a revolta política, pelo fato de a crença de matriz africana ser matriarcal. A mulher africana entra na base de todo esse entendimento cultural como porta voz da simbologia e transação com a ancestralidade.



Fotos de Carolina Reis.

Carregamos a negritude no sofrimento, que herdamos na labuta do dia a dia em que nos encontramos para termos nosso sustento e pelo menos 10 % e dignidade por ainda pertencemos a um mundo que ilude através das leis a sociedade pelo fato da ganância e a ambição, por situarmos em gaiolas quadradas chamadas de edifícios de proletariado sendo criadas as margens de alagamentos e esgotos. Diferentes daqueles que herdaram terras e tiveram as

suas fazendas e riquezas, as mulheres negras têm a sua carcaça para se sustentar. E hoje em dia todos querem ser negros na alegria, mas na realidade garanto que muitos correriam, muitos voltariam para as suas mansões, pois a mulher negra tem que ser mil, mil em força e atitude, mil por ser vista como um instrumento de sexo apenas, mil por ter que sustentar a sua família na maioria das vezes sozinha, mil por representar através da sua cor uma história de preconceitos e sofrimentos nos últimos anos.

Solano Trindade – O Poeta do povo.

“Aqui todo mundo é igual, preto, branco, azul ou amarelo. Mas se uma negra casa-se com o filhinho de um branco, a família bota luto e a coisa fica preta!...”.

Sou Negro

Sou negro
meus avós foram queimados
pelo sol da África
minh`alma recebeu o batismo dos tambores
atabaques, gongôs e agogôs
Contaram-me que meus avós
vieram de Loanda
como mercadoria de baixo preço
plantaram cana pro senhor de engenho novo
e fundaram o primeiro Maracatu

Depois meu avô brigou como um danado
nas terras de Zumbi
Era valente como quê
Na capoeira ou na faca
escreveu não leu
o pau comeu
Não foi um pai João
humilde e manso
Mesmo vovó
não foi de brincadeira
Na guerra dos Malês
ela se destacou

Na minh`alma ficou
o samba
o batuque
o bamboleio
e o desejo de libertação.



Olorum ÈKE

Olorum Ekê
Olorum Ekê
Eu sou poeta do povo
Olorum Ekê
A minha bandeira
É de cor de sangue
Olorum Ekê
Olorum Ekê
Da cor da revolução
Olorum Ekê
Meus avós foram escravos
Olorum Ekê
Olorum Ekê
Eu ainda escravo sou
Olorum Ekê
Olorum Ekê

Os meus filhos não serão
Olorum Ekê
Olorum Ekê

Conclusão:

Em decorrência dos temas propostos que envolvam a fotografia o valor e a representação do negro no Brasil, a inserção da cultura negra vem ganhando espaços. E nessa era contemporânea tem-se a cultura e a sociedade, entre elas, existem os ambientes que valorizam as artes como memória, conhecimento, indivíduo fazendo um reconhecimento das técnicas artísticas que são transparecidas. A abrangência deste projeto, afirma fortemente a importância de dar visibilidade às matrizes da ancestralidade e suas diferentes formas de expressão neste país cuja população de ascendência africana não é minoria, embora haja inúmeros artifícios estatísticos que tentam provar o contrário. Contendo confiança na tática das imagens como agenciadora de debates contemporâneos, como uma linha temática, um barbante transportador que se entretém e aos poucos requerer reflexões sobre o complexo cultural situado pela diversidade, e diáspora, pela elevação da igualdade racial, pela tradição afro-brasileira formadora da nossa analogia, só para citar alguns caminhos para sua atuação.

Das imagens, então, desempenham nos traços negros vestígios de um modo de viver, o labor cotidiano, o ritual, a gestualidade de corpos que vibram à batida dos tambores, as rodas da manifestação africana, o tempo mítico. São imagens que ensinam a olhar no exercício de suas ancestralidades, núcleos de resistência que sustentam todo esse patrimônio cultural.

A memória da herança africana em práticas culturais reflete uma hierarquia de juízos e valores; os objetos associados à África, embora celebrados pelo imaginário nacional como parte da cultura popular, nunca recebeu o mesmo prestígio daqueles ligados à cultura européia. Incumbe aos historiadores e especialistas que estudam as imagens construir testemunhos fotográficos decifrando a realidade interior das representações fotográficas seus significados ocultos, tramas, realidades e ficções os registros são exemplos e documentos visuais do ser popular negro que ao longo desse processo de libertação pouco teve acesso a essa ferramenta que

é a máquina fotográfica e agora na era digital a maioria desfruta tendo a sua própria máquina podendo reproduzir sua imagem quantas vezes quiser ampliar e modificar a seu próprio gosto então a fotografia atualmente ela entra em uma realidade de total inserção e aceitação já que todos tem a liberdade de utilizá-la para o fim que desejar . Agregando o valor desse grupo colocando-o no patamar social dos mesmos direitos segundo a constituição.

Nesses lugares contêm os projetos e as produções que surgem para fomentar a política cultural no Brasil. Vale ressaltar que esses espaços agregam como arte a fotografia que foi por volta da década de 70 que começou uma política em cima das visões de que a imagem fotográfica é uns dos utensílios artísticos que transformaram e incluíram o ser nesse artifício. E, especificamente nessa pesquisa eu abordei imagens que radicalizam e exprime uma revolução estética, tendo a função de se inserir no meio social, como um objeto que mantém sua própria identidade e função. Dentro dessas imagens que transmitem a cultura afro-brasileira encontrei fortemente impregnadas de memórias, as literaturas, as músicas, os ritmos, danças e manifestações instrumentos de vozes da herança africana deixada como um legado, fazendo das imagens fotográficas um instrumento de grandes transformações. Acendendo para os artistas e fotógrafos novas perspectivas de explorar a nossa identidade cultural.

"A fotografia constrói uma identidade social, uma identidade unificada, que provoca, não precioso, o conceito de personalidade, permitindo aflorar as imagens dos brasileiros contendo suas origens, isto equivale a dizer que não se conhece o território africano, nem os territórios étnicos de onde muitos de nós somos nativos. A fotografia pode repercutir convenientemente as diversidades. "Esperamos que a crítica a tais estereótipos é forçosa para se repensar a estrutura do trabalho fotográfico e seu papel nas transformações sociais".

A elaboração da política de projetos culturais vem sendo discutida por gestores de espaços públicos e privados, e a gestão é o processo de desenvolvimento da política cultural.

A relação das gestões que financiam a cultura no Brasil é extremamente do interesse dos grandes financiadores, pois são eles que determinam o direcionamento da verba, e o valor econômico que a atividade

cultural tem na sociedade . Cabe a política pública exercer dentro da gestão pública um papel democrático que viabiliza as ações para inclusão e combate as desigualdades sociais , por que é o povo que elege os seus representantes diferente da gestão privada que pode apoiar aquilo que for de direito e aceitação do diretor da empresa . O que quero é argumentar que a sociedade tem o papel de está interferindo nas decisões da política pública de transformação desses setores, pois é o povo que está entorno e absorvendo as atividades que são determinadas por esses órgãos. A gestão participativa é a medida mais pura para se discutir a cultura no Brasil e no mundo, pois é da participação conjunta que podemos construir e agregar a todas as diversas visões e não impor apenas uma, mas sim transformar a cultura compondo com as suas diversidades. Inserindo o aparelho fotográfico como forma de política cultural na área da transformação e evolução do pensamento social é um avanço da arte e da sociedade, ele inclui as diversas culturas, pois registra o olhar das manifestações de diversas pessoas em estágios singulares das suas manifestações que ampliam os valores simbólicos do material a ser absorvido . A preocupação com a formação do indivíduo em poder transformar seu habitar com os seus próprios hábitos culturais e assim exercer dentro da sua realidade um modo de crescimento econômico .

No Ministério da Cultura atualmente incentiva ações na área fotográfica ampliando através das artes, partindo de editais de oficinas e exposições que retratam as formas e a identidade da política da manifestação da arte como processo de formação do pensamento e inclusão social cito aqui o edital de criadores e produtores negros que” são prêmios profissionais, no total de R\$ 9 milhões, garantidos nas cinco regiões do país, numa política de reparação histórica do Governo da Presidenta Dilma Rousseff. Uma parceria do Ministério da Cultura e da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – Seppir”. As propostas discutidas pelo órgão do ministério da cultura são para utilizar dos planos da política cultural as atividades culturais como direito do cidadão. A máquina fotográfica entra nessa esfera como uma ferramenta de transformação da realidade e enfrentamentos que a sociedade passa ao longo do processo de inclusão. Vai colocar o ser em um patamar da arte e da exposição discutindo o papel real da política cultural para as atividades que serão propostas para formar e incluir.

Dentre essas políticas de inclusão está o pacote de medidas culturais, são medidas de curto e médio prazo com estratégias de tirar o Brasil da crise da desocupação da população pela falta de empregos nas áreas carentes. É uma estratégia momentânea para suprir e organizar as atividades culturais em cima da política como transformadora da econômica e da sabedoria da cultura . Isso é uma medida paliativa e que se não houver continuidade fica apenas um cala a boca do governo com a sociedade, o governo dentro da política pública deve realizar ações de formação como medidas longas para assim a sociedade ter uma experiência completa e conjunta das atividades culturais, estes aspectos reforçam o debate contemporâneo brasileiro sobre a diversidade étnica e cultural.

Valorizar o meu próprio “eu”, por eu ser uma negra que descende de africanos que vieram forçados a trabalhar nesse território chamado Brasil é de grande importância, pois nunca poderíamos tratar esses povos descendentes de negros escravizados do mesmo jeito que os demais por serem pessoas carregada de uma herança cultural viva, linda e encantadora que permeia na vida do brasileiro e mundana, mas que foi mutilada e degradada com a intenção do pensamento branco de extingui-la e escravizá-la . E apesar de ter sofrido 4 anos de exclusão ela sempre lutou para se auto afirmar e permaneceu em diversos aspectos e vivências culturais que praticamos no Brasil. O que de fato acontece na realidade contemporânea é que a fotografia vem incluir a arte negra ao sistema econômico e social por causa da proibição da sua arte, é também um utensílio usado para que a cultura afro não permaneça como uma cultura excluída , e os registros são exemplos e documentos visuais do ser popular negro que ao longo desse processo de libertação, pouco teve acesso a essa ferramenta que é a máquina fotográfica e agora na era digital a maioria tem como desfrutar: tendo a sua própria máquina, podendo reproduzir sua imagem quantas vezes quiser, podendo ampliar e modificar a seu próprio gosto. Então atualmente a fotografia entra em uma realidade de total inserção e aceitação já que todos tem a liberdade de utilizá-la para o fim que desejar .

Bibliografia:

-Obras Gerais:

ARAÚJO, Emanuel. **A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica.** São Paulo: Asa Paulo, 1988.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna- Do iluminismo aos movimentos contemporâneos.** Trad. Denise Bottman e Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia.** Trad. Manuela Torres. Lisboa. Edições 70, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Trad Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CARRIZO, Silvina. **Fronteiras da imaginação: os românticos brasileiros: mestiçagem e nação.** Niterói: EdUFF, 2001.

COTTON, Charlotte. **A fotografia como arte contemporânea.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios.** Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Papyrus, 1993. (Série Ofício de Arte e Forma)

ERMAKOFF,George.**O negro na fotografia brasileira do séc XIX**.Rio de Janeiro:Casa Editorial G.Ermakoff,2004.

FABRIS,Annateresa.**Fotografia usos e funções no século XIX**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo(EDUSP), 1998.

FATORELLI,Antonio.**Fotografia e Viagem:entre a natureza e o artifício**.Rio de Janeiro:Relume Dumará,2003.

FIRMO,Walter.**Brasil Imagens da terra e do povo**.São Paulo:Editora Imprensa Oficial(IMESP),2004

“ “ **FIRMO Fotografia** .Editora Bem -Te- Vi, 2005.

JANSON, H.W I, Anthony F. Janson. **Iniciação a História da Arte**.Tradução Jefferson Luiz Camargol.São Paulo : Martins Fontes,1996

KOSSOY,Boris.**Origens e expansão da fotografia no Brasil-sécXIX**.Rio de Janeiro,MEC/Funarte,1980.

“ “ . **Fotografia e História**. São Paulo: Ed.Ática, 1989.

“ “ .**Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**.São Paulo:Ateliê Editorial,2009.

KRAUSS,Rosalind.**Nota sobre a fotografia e o simulacro.In:O fotográfico.**Trad.Anne Marie Davée.Barcelona:Editora Gustavo Gili,2010.

LANGFORD,Michael.**Aprendizagem da fotografia.**São Paulo:Editorial Presença,1979.

LAVELLE,Patrícia.**O espelho distorcido:imagens do indivíduo no Brasil oitocentista.**Belo Horizonte:Editora UFMG,2003.

LAZA Quilombos e Tiradentes- na baixada Fluminense-Uma homenagem ao Solano trindade/Editora estrelinhas Dalva Lazaroni.

LEITE,Miriam Moreira.**Retratos de família:leitura da fotografia histórica.**São Paulo:Edusp/Fapesp,1993.

LODY,Raul.**Cultura material dos xângos e candomblés:em torno da etnografia religiosa.**Rio de Janeiro:FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore,1987.

MALAGODI,MariaEugênia.**Projetosculturais:elaboração,administração, aspectos legais e busca de patrocínio.**São Paulo:Escrituras Editora,2004.

MELLO,Maria Teresa Bandeira .**Arte e Fotografia: o movimento pictorialista no Brasil.** . Rio de Janeiro: Funarte,1998.(coleção luz & reflexão)

MIAMMI,Lourenço.**8 x Fotografia:ensaio.**São Paulo:Companhia das Letras,2008.

MONGA,Célestian.**Niilismo e Negritude:as artes de viver na África**.Trad.Estela dos Santos Abreu.São Paulo:Martins Martins Fontes,2010.

NASCIMENTO,Elisa Larkin.**A matriz africana no mundo**.São Paulo:Ed.Selo Negro,2008(Sankofa:matrizes africanas da cultura brasileira 1)

NEVES,Eustáquio.**Fotoportátil vol.5**.Ed.Cosac Naify,2005.

PANOFSKY,Erwin.**Significado nas artes visuais**.São Paulo:Perspectiva,1976.

PERSICHETTI,Simonetta.**Imagens da fotografia brasileira**.São Paulo:Estação Liberdade:Ed.SENAC,2000.

ROUILLÉ, André- **A fotografia entre documento e arte contemporânea ;** tradução Constância Egrejas , São Paulo: Editora Senac , 2009.

SAMAIN,Etienne.**O fotográfico**.São Paulo:Editora Hucites,2005.

SOULAGES,François.**Estética da fotografia:perda e permanência**.Trad.Iraci D.Poleti e Regina Salgado Campos.São Paulo:Editora Senac,2010.

VASQUEZ,Pedro.**Fotografia-Reflexos e Reflexões**.São Paulo:L&PM Editores S.A,1986.(Coleção UniversidadeLivre).

VERGER, Pierre Fatumbi.**Orixás.Deuses iorubas na África e no Novo Mundo**.Salvador:Corrupio,1981.

-Revistas:

Revista de História da Biblioteca Nacional - ano 2, número 18, março 2007.

Revista a Photo - edição Black Faces a cultura negra como inspiração da fotografia por Marta Azevedo.

Revista de História da Biblioteca Nacional- ano 5, número 52,janeiro de 2010

-Endereços eletrônicos:

WWW.cravoneto.com.br

WWW.escolaportfolio.com.br

WWW.revistafotografia.com.br

WWW.itaucultural.org.br

